



**Eduardo Orgler**

**Varição semântica nas construções adverbiais  
temporais introduzidas por quando  
na língua portuguesa**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-  
graduação em Letras do Departamento de Letras da  
PUC-Rio.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Eneida do Rego Monteiro Bomfim

Rio de Janeiro  
Agosto de 2006

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



**Eduardo Orgler**

**Varição semântica nas construções adverbiais  
temporais introduzidas por quando  
na língua portuguesa**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

---

**Profa. Eneida do Rêgo Monteiro Bomfim**

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

---

**Profa. Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque**

Departamento de Letras – PUC-Rio

---

**Profa. Maria Teresa Gonçalves Pereira**

Departamento de Língua Portuguesa - UERJ

---

**Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade**

Coordenador Setorial do Centro de Teologia  
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

## **Eduardo Orgler**

Graduou-se em Jornalismo em 2001 (Puc-Rio) e concluiu o curso de pós-graduação em Comunicação e Imagem em 2003 (PUC-Rio). Desenvolveu diversos projetos acadêmicos na área de história e descrição do Português, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eneida do Rego Monteiro Bonfim. Atualmente, é redator do site Globoesporte.com.

### Ficha Catalográfica

Orgler, Eduardo

Variação semântica nas construções adverbiais temporais introduzidas por “quando” na língua portuguesa / Eduardo Orgler ; orientadora: Eneida do Rego Monteiro Bomfim. – Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Letras, 2006.

68 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras.

Inclui referências bibliográficas.

1. Letras – Teses. 2. Tempo. 3. Semântica. I. Bomfim, Eneida do Rego Monteiro. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

## Agradecimentos

À minha admirada orientadora Professora Eneida Bomfim - a quem tive o privilégio de acompanhar desde o primeiro dia desta jornada no Mestrado - pelo carinho e pela atenção em todos os momentos.

À Vice-Reitoria de Assuntos Acadêmicos da PUC-Rio, pela concessão da bolsa de isenção de mensalidade durante todo o curso.

A meus pais, Alberto e Sheila, pelo amor, pelo apoio e pela compreensão nos momentos de incerteza, que não foram poucos.

À sempre prestativa Chiquinha, pela ajuda e pela paciência em tudo o que foi necessário ao longo desses dois anos.

## Resumo

Orgler, Eduardo; Bomfim, Eneida do Rego Monteiro (Orientadora). **Varição semântica nas construções adverbiais temporais introduzidas por quando na língua portuguesa.** Rio de Janeiro, 2006. 68p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho tem como objetivo primordial investigar as possibilidades de variação de significado decorrentes das orações adverbiais introduzidas pela conjunção “quando”. Consideramos que, para além da idéia temporal – à qual boa parte de nossas gramáticas costuma se limitar – outras circunstâncias adverbiais, como causa e condição principalmente, podem coexistir nas construções formadas pela chamada oração principal e pela oração subordinada adverbial. Para tanto, baseamos nossa pesquisa na análise de 60 exemplos retirados do jornal O Globo e da revista Veja, dois dos principais veículos de comunicação escrita em língua portuguesa. Ao fim, chegamos à conclusão de que, apesar do importante papel exercido por fatores sintático-gramaticais, como as diferentes combinações entre os tempos e os modos verbais, o sentido final das construções examinadas é, em última análise, resultado de fatores de ordem semântica, isto é, das relações de significado que se estabelecem entre o predicado e cada um dos termos que o constituem.

## Palavras-chave

Tempo, condição, causa, aspecto, semântica, concessão.

## Abstract

Orgler, Eduardo; Bomfim, Eneida do Rego Monteiro (Advisor). **Semantic variation on adverbial constructions introduced by when in Portuguese.** Rio de Janeiro, 2006. 68p. MSc. Dissertation – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation's main objective is to investigate the possibilities of semantic variation on adverbial sentences introduced by the conjunction “quando”. We consider that, beyond the idea of time – to which some of our grammars use to be restricted – other adverbial circumstances, like cause and condition mainly, can coexist on the constructions formed by main clause and adverbial clause. To reach our goals, we based our study on the analysis of 70 examples found on O Globo journal and on Veja magazine., two of the most important vehicles of written communication in Portuguese. As a result, we concluded that, despite of the great importance of the role played by syntactical and grammatical factors, like the different combinations between verbal times and modes, the final meaning of the constructions that we examined is, definitely, determined by semantic factors, that is, the relationship of meanings established between the predicate and each of its terms.

## Keywords

Time, condition, cause, aspect, semantics, concession.

## Sumário

1. Introdução	9
2. Pressupostos teóricos	14
3. A categoria tempo	17
3.1. Valores temporais-aspectuais	19
4. A expressão do tempo através da conjunção <i>quando</i>	23
5. Tempo e condição	30
5.1. Nuances semânticas entre as condicionais	35
6. Tempo e causa	47
7. Tempo, causa e condição	53
8. Tempo e concessão	57
9. Conclusão	60
10. Referências bibliográficas	62
11. Anexo	64



*“O objetivo de todo estudo lingüístico é discernir e distinguir, muito mais do que associar e generalizar”.*

Joaquim Mattoso Câmara Jr.

# 1

## Introdução

A categoria **tempo** é um dos pontos mais complexos dos estudos em língua portuguesa. Por se tratar de um campo que envolve, sobretudo, conceitos igualmente complexos como **semântica** e **interpretação** – que fogem a qualquer tentativa de classificação simplista – a noção de tempo permite localizar uma gama de possibilidades de significados demasiadamente abrangente para se atrelar às amarras de generalizações típicas da gramática tradicional.

Nas palavras de Mattoso Câmara (1972, p.87),

“esse estudo semântico referente ao verbo português é sumamente complexo. É talvez onde melhor se evidencia a incapacidade da gramática tradicional para fazer justiça a uma interpretação adequada do sistema gramatical português<sup>1</sup>”.

Tal complexidade pode ser justificada, segundo o autor, “pela acumulação que se faz, no morfema flexional, propriamente verbal, em português, das noções de tempo e de modo, além da noção suplementar de aspecto, que às vezes se inclui naquela primeira<sup>2</sup>”.

Essa dificuldade de interpretação referente ao verbo pode ser estendida à categoria dos advérbios e das orações adverbiais. Não nos parecem coerentes, por exemplo, as classificações que boa parte dos compêndios de gramática escolar apresenta em relação às orações adverbiais temporais, pelo simples fato de que praticamente ignoram-se as outras relações circunstanciais que coexistem ao lado da noção de tempo. De uma maneira geral, pouca atenção tem sido dada, quando se fala em advérbios e orações adverbiais, às suas propriedades semânticas, linguisticamente relevantes, como alerta José Carlos de Azeredo (2000. p. 97) ao afirmar que

---

<sup>1</sup>CÂMARA JR., J.M, *Estrutura da língua portuguesa*, p. 87.

<sup>2</sup>Ibid. p. 88.

“a apresentação das orações adverbiais nas gramáticas tradicionais ressentem-se, contudo, da falta de um critério que leve em conta propriedades formais, distribucionais ou semânticas. (...) Nenhum gramático as agrupou em função de suas propriedades semânticas<sup>3</sup>”.

Na mesma linha de raciocínio, ao discorrer sobre a variedade de significados que as orações adverbiais temporais podem denotar, Maria Helena de Moura Neves (2000, p.795) atenta para a questão de que

“a expressão do tempo sempre se liga a relações muito complexas. Essa complexidade aumenta, obviamente, quando a relação temporal envolve dois estados de coisas, isto é, duas predicções, como é exatamente o caso das construções com uma oração principal e uma oração temporal<sup>4</sup>”.

Assim, julgamos importante ressaltar logo de início que nossa pesquisa está longe de ter a pretensão de realizar um estudo completo sobre o emprego das formas verbais em português, mas destina-se, sim, a examinar as diferentes possibilidades de significados que as construções adverbiais temporais introduzidas pela conjunção **quando** permitem localizar além da própria noção de tempo.

Nosso foco está direcionado ao exame das variadas possibilidades de interpretação de sentido que podemos encontrar nas construções formadas pela chamada oração principal e pela oração adverbial temporal. Entendemos que, ao lado da noção de tempo, co-ocorrem muitas vezes outros matizes semânticos como causa, condição e concessão, isto é, uma construção adverbial iniciada pela conjunção **quando** pode não carregar apenas uma significação temporal, como veremos nos capítulos que se seguem.

É por isso que criticamos a tendência de se nomear e classificar automaticamente e sem critérios qualquer tipo de oração adverbial introduzida pelo **quando** como temporal se, muitas vezes, em nossas falas ou em nossas redações, o sentido que realmente queremos expressar revela-se outro. Decorar listas de conjunções a fim de dar um rótulo às orações adverbiais pode tornar o aluno inadequadamente condicionado a nomenclaturas em vez de estimulá-lo a atentar para o uso efetivo das estruturas lingüísticas, pois um mesmo elemento

---

<sup>3</sup>AZEREDO, J.C de, *Iniciação à sintaxe do português*, p. 97.

<sup>4</sup>MOURA NEVES, M.H.de., *Gramática de usos do português*, p. 795.

lingüístico é capaz de assumir diferentes funções, de acordo com o contexto em que é empregado.

Como bem expõe Evanildo Bechara (1954, p.11),

“o atribuir missões diferentes a um mesmo elemento gramatical é também responsável por inúmeros cruzamentos de idéias. (...) Nascem tais hesitações no próprio intelecto humano e manifestam-se, portanto, na expressão dos pensamentos por meio da linguagem em geral<sup>5</sup>.”

O objetivo maior deste estudo é justamente investigar as “missões diferentes” que as orações adverbiais introduzidas pelo **quando** podem realizar além de dar a informação temporal referente a um evento, processo, estado ou ação. De tal maneira, nosso *corpus* não poderia ser outro que não o da língua em uso, em situações efetivas de comunicação, nas quais poderemos observar as suas diferentes possibilidades de expressão de significado.

Nosso campo de observação será o texto jornalístico, mais precisamente de dois dos maiores veículos de comunicação escrita do país: a revista *Veja* e o jornal *O Globo*. Entendemos que a linguagem empregada nas matérias jornalísticas – que se utilizam, inclusive, de transcrições das falas dos entrevistados – é uma rica fonte de pesquisa para nossas investigações, por nos fornecer dados concretos relativos à língua usada no cotidiano de quem fala e de quem escreve.

Através da coleta de 60 exemplos, analisaremos as possibilidades distintas de interpretação que os enunciados formados pelas chamadas oração principal e oração adverbial temporal introduzida pelo **quando** permitem localizar.

No capítulo dois, apresentamos a base teórica em que a pesquisa se sustenta. Como analisamos diferentes possibilidades de interpretação da linguagem em uso real, nossa abordagem está amparada pelos conceitos da gramática funcionalista, que se baseia na intenção comunicativa do enunciador. Nossas considerações partirão do pressuposto funcionalista de que, para além do âmbito frasal, as relações textuais é que dão conta do sentido final do discurso. “A restrição aos limites da frase bloqueia importantes aspectos da investigação<sup>6</sup>”, escreve Neves (2002, p.128) ao tratar do tema.

<sup>5</sup>BECHARA, E., *Estudo sobre os meios de expressão do pensamento concessivo em português*, p. 11.

<sup>6</sup> MOURA NEVES, M.H. de., *A Gramática: história, teoria e análise, ensino*, p. 128.

O terceiro capítulo destina-se a traçar um breve panorama acerca das principais considerações encontradas em nossas gramáticas no que diz respeito à categoria **tempo**. Atentaremos para a distinção entre o conceito de tempo cronológico – categoria universal – e tempo verbal – categoria lingüística. Nesta seção, teceremos, também, as considerações necessárias referentes à categoria aspecto, fundamental na interpretação de certos tipos de enunciados. Notaremos que a tonalidade aspectual de certos tempos e modos verbais exerce considerável influência sobre o significado de determinados tipos de construções.

No capítulo quatro, analisamos as formas de expressão do tempo através da conjunção **quando** nas construções estruturadas por oração principal e oração adverbial temporal. Nesta seção, observamos os enunciados que, em relação ao sentido, referem-se tão somente à idéia de tempo.

O exame das frases que conciliam as idéias de **tempo** e **condição** é o tema do capítulo cinco, em que também discorreremos sobre as diferentes nuances de significado entre as construções adverbiais que apresentam *relação temporal com sentido condicional*.

No capítulo seis, analisamos as construções adverbiais que unem as noções de **tempo** e **causa**. Observamos que será o contexto, aliado ao nosso conhecimento da realidade objetiva, fator de suma importância na determinação de uma gradação de forças entre ambas as idéias nas ocorrências analisadas. Em algumas, a noção de causa será mais evidente que a de tempo, em outras, ocorrerá o contrário.

Adiante, no capítulo sete, abordamos a questão da proximidade semântica entre as circunstâncias adverbiais que envolvem proposições, especialmente no que tange às idéias de condição e causa. Veremos que, por sua abrangência, o conceito de causalidade está ligado a níveis de expressão que podem ser diferenciados por certos fatores sintáticos, como a combinação modo-temporal das formas verbais que, em certos tipos de enunciados, nos permite apontar distinções entre as noções adverbiais acima mencionadas. Em outros, no entanto, notaremos que a distinção aspectual é insuficiente para determinar diferenças semânticas concretas que possam caracterizar um enunciado como causal e outro como condicional, sendo a tentativa de classificação e/ou diferenciação inútil em virtude do elevado nível de afinidade de significado entre ambas as áreas.

No capítulo oito, examinamos um tipo de construção com ocorrências sensivelmente mais raras nos escritos atuais da língua portuguesa: orações adverbiais introduzidas pelo **quando** em que coexistem as idéias de **tempo** e **concessão**.

Por fim, não poderíamos deixar de registrar que nosso trabalho representa não mais do que uma entre as infinitas perspectivas que o assunto permite adotar. Como salientamos nas primeiras linhas, a categoria **tempo** é demasiadamente abrangente para que tivéssemos a pretensão improvável de realizar um estudo definitivo sobre o tema como um todo. Optamos por escolher uma direção entre várias possíveis, pesquisando e tirando nossas próprias conclusões.

## 2

### Pressupostos teóricos

O suporte teórico de nossa pesquisa se fundamenta nas considerações de Neves (2000) num trabalho que representa um dos poucos estudos em língua portuguesa acerca da categoria **tempo** e de suas relações com outras circunstâncias adverbiais que se preocupam em ir além de definições vagas e de meras explicações sobre o emprego de cada um dos tempos verbais.

A autora se empenha na investigação das diferentes relações de tipo lógico-semântico que se estabelecem entre a chamada oração principal e a oração adverbial introduzida pelo **quando**.

Também significam preciosa contribuição ao despertar de nossas indagações os estudos semânticos em relação à categoria **tempo** desenvolvidos por Maria Helena Mira Mateus et al., (2003)<sup>7</sup> e Maria Henriqueta Costa Campos e Maria Francisca Xavier<sup>8</sup> (1991). Ambas as obras vão igualmente a fundo nas questões semânticas ligadas à expressão do tempo na língua portuguesa.

Observamos, nos estudos citados, que as construções adverbiais introduzidas pelo **quando** podem apresentar variações significativas no que se refere à presença efetiva da noção de tempo. Em alguns casos, notamos que tal noção é, de fato, a única expressa pelo enunciado, ou seja, a frase em questão não aponta outras circunstâncias além da menção ao tempo. Em outras ocorrências, percebemos que, ao lado da noção temporal, podem coexistir relações semânticas indicadoras de condição, causa e concessão. E, ainda, encontramos construções em que, apesar da utilização da conjunção **quando** na oração adverbial, não há sentido temporal algum em questão, tratando-se de enunciados que se referem a asserções de caráter geral, portanto atemporais, ou de frases que indicam habitualidade também sem referência temporal precisa – na maioria das vezes veremos que a relação expressa é a de quantificação de um determinado tipo de evento que se repete no tempo (tempo freqüentativo).

---

<sup>7</sup>MIRA MATEUS, M.H et al., *Gramática da língua portuguesa*, Lisboa: Caminho, 2003.

<sup>8</sup>COSTA CAMPOS, M.H e XAVIER, M. F., *Sintaxe e semântica do português*, Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

Diante desta perspectiva, julgamos pertinente mencionar que nossa abordagem se apóia na hipótese de que o estudo da língua em uso nos leva, necessariamente, a seguir um embasamento teórico do qual façam parte critérios discursivos. Assim, a pesquisa se posiciona de acordo com os conceitos da visão funcionalista da linguagem, que se voltam, primordialmente, para a análise das relações entre a língua e as diversas modalidades de interação social.

“En el análisis semântico de una lengua, hay que referirse a la realidad designada para poder establecer de que manera esta lengua la analiza, es decir, cuáles son los rasgos de realidad adoptados como rasgos distintivos de sus significados. Describir una lengua “desde su próprio punto de vista” no significa ignorar las relaciones que se establecen entre esta lengua y la realidad, sino únicamente describirla desde el punto de vista de su análisis de la realidad<sup>9</sup>”.

A língua é, portanto, concebida como um sistema semântico que não se restringe ao significado das palavras, mas se refere, sim, a todo o seu sistema de significados que nos permite interpretá-la através da relação entre as categorias da gramática e da realidade. A frase é analisada a partir de sua perspectiva funcional, sendo reconhecida como unidade passível de análise não somente nos níveis fonológico, morfológico e sintático, mas também no nível do discurso. É no âmbito do texto que se dá a atuação em conjunto de todas as funções linguísticas responsáveis pelo sentido final dos enunciados. Como resume Neves (2002) “na arquitetura do texto, se manifestam funções que devem responder pela orientação semântica do enunciado, bem como pela adequada ancoragem na situação de enunciação<sup>10</sup>”.

É a partir desta linha de pensamento que procuramos desenvolver nossas considerações acerca das inúmeras possibilidades de interpretação que as orações adverbiais introduzidas pelo **quando** permitem localizar. A palavra e a frase tomadas isoladamente dos outros elementos discursivos, do sujeito da enunciação e de todas as condições da realidade que as cercam no momento da fala/escrita são elementos insuficientes para determinar o sentido final do enunciado. A mera descrição da estrutura oracional não dá conta do som e do significado da expressão linguística, pois as funções gramaticais não podem ser tomadas como

<sup>9</sup>COSERIU, Eugenio. *Gramática, Semántica, Universales – estudios de lingüística funcional*, p. 196.

<sup>10</sup>MOURA NEVES, M.H de., op. cit., p. 122.



ponto de partida para descrever padrões sentenciais. Uma descrição completa há de se basear também em funções de caráter pragmático – referência aos interlocutores e a seus papéis e estatuto dentro da interação determinada socioculturalmente.

“To capture what goes on in language, we need to build on and refine our notions of traditional grammar in several ways. The first is to recognise that words have functions as well as class; how a word functions can tell us much more about the piece of language where it occurs, about the person who chose to use it in that function and about the culture that surrounds the person and the message, than any description of words in terms of class do. (...) Language is much more than a stringing together of words; we need to be able to analyse and describe patterns of language at several levels. Just as some scientists look at slides through microscopes with varying degrees of magnification recognizing units at different levels, such as molecule and cell and organism, so linguists look at language at various levels or on various scales<sup>11</sup>.”

---

<sup>11</sup>BUTT, David et al., *Using functional grammar – an explorer’s guide*, p. 30.

### 3

## A categoria tempo

A proposta de nossa pesquisa está diretamente associada ao conceito de **tempo** e às variadas relações semânticas que se podem estabelecer entre tal categoria e outras circunstâncias adverbiais. Assim, parece-nos necessário tecer algumas considerações a respeito de alguns problemas decorrentes da descrição dos tempos verbais na maioria das gramáticas do português.

Acreditamos que o ponto principal nesta questão seja distinguir duas definições básicas que se relacionam à noção de **tempo**: a primeira, uma categoria universal, por nós concebida também como tempo cronológico, através do qual marcamos a duração das coisas. A segunda remete ao conceito de tempo verbal, uma categoria lingüística que expressa se ação verbal ocorre antes, ao mesmo tempo, ou depois do momento em que se fala.

As gramáticas de nossa língua estruturam, em sua maioria, o sistema temporal dos verbos do português com base na tripartição presente-passado-futuro. Alguns teóricos defendem a tese de que a real divisão é entre presente e passado, sendo o futuro um tempo que pode ser perfeitamente expresso pelas formas verbais do presente (abordaremos esta questão no capítulo 5).

Como o próprio nome indica, o tempo, como categoria lingüística, marca o tempo da ocorrência da ação verbal em relação a um momento escolhido como o de referência, e que normalmente é o da enunciação. Trata-se, portanto, de uma noção subjetiva: só tem sentido para o falante, que traça as divisões temporais em relação a si mesmo, atuando como ponto de referência daquilo que enuncia. Como aponta Kátia Chalita Mattar (1979, p.6), “só falamos de um presente, um passado ou um futuro relativos, jamais absolutos<sup>12</sup>”. Ou ainda, como define Eunice Pontes (1992, p.72), “concebemos o tempo como uma linha, na qual o momento em que falamos é um ponto, a partir do qual projetamos o futuro à nossa frente e o passado às nossas costas<sup>13</sup>”.

---

<sup>12</sup>MATTAR, K.C., *Os conectivos subordinativos temporais na determinação do aspecto verbal*, Dissertação de Mestrado, PUC-Rio, p. 6.

<sup>13</sup>PONTES, E., *Espaço e tempo na língua portuguesa*, p. 72.

Assim, podemos dizer que a qualquer enunciado corresponde um determinado acontecimento lingüístico, ao qual se associa, necessariamente, um tempo abstrato – o qual trataremos aqui por *tempo do acontecimento lingüístico* (TAL). Os valores temporais de um enunciado serão resultado da relação que se estabelece entre o tempo da enunciação e o TAL. Tais valores podem designar anterioridade, simultaneidade ou posterioridade em relação ao momento em que se fala, como exemplificamos, respectivamente, em I, II e III.

- I- Maria fala ao telefone.
- II- João escreveu uma carta.
- III- Miguel vai comprar uma casa.

Analisando as frases, diremos que I tem valor temporal de presente; II, de passado; e III, de futuro. Mas é necessário especificar que esses valores resultam de uma operação de localização em que o ponto de referência é o momento da situação de enunciação. Presente, passado e futuro são, assim, noções relativas, que só fazem sentido tomando-se como parâmetro o instante do ato de fala.

Dessa forma, em I, o TAL expresso pela relação predicativa “falar, Maria, o telefone” coincide com o tempo da enunciação. Em II, o TAL expresso pela relação “escrever, João, uma carta” antecede o parâmetro temporal do momento da fala. Em III, o TAL expresso por “comprar, Miguel, uma casa” está localizado num momento posterior ao tempo da enunciação.

No entanto, haverá enunciados em que o termo localizador da relação predicativa pode não ser o tempo da enunciação. É o caso específico, por exemplo, do tipo de construções que consiste em nosso objeto maior de análise: as construções formadas pela chamada oração principal e pela oração subordinada adverbial temporal. Vejamos:

- IV- João escrevia uma carta quando Cláudia chegou.

Comparando-se II e IV, enunciados que derivam de uma mesma relação predicativa (escrever, João, uma carta), observamos que ambos têm valor temporal de anterioridade em relação ao tempo da enunciação. Contudo, a diferença está no fato de que os dois enunciados são perspectivados a partir de

pontos distintos. Em II, o acontecimento lingüístico é construído como um todo fechado, que representa a seqüência de instantes durante a qual João escreveu uma carta, localizada em sua totalidade a partir do tempo da enunciação, que é posterior ao TAL. Em IV, diferentemente, o acontecimento lingüístico “João escrevia uma carta” é construído a partir de um outro ponto localizador (quando Cláudia chegou), que coincide com um dos pontos da seqüência de instantes do TAL. A oração adverbial funciona como um “novo” ponto de referência que, por sua vez, é localizado em relação ao tempo da enunciação. Assim, o acontecimento lingüístico em IV é construído como estando a decorrer no tempo do novo ponto que o localiza. Não temos a idéia exata do primeiro e do último pontos da seqüência de instantes que constitui o TAL. Trata-se, ao contrário de II, de um intervalo aberto, não concluído em sua totalidade.

### 3.1

#### Valores temporais-aspectuais

Essa dicotomia entre a noção de um processo encerrado e um processo surpreendido em sua duração nos induz, inevitavelmente, a abordar o conceito de aspecto, que, assim como tempo, modo, voz, pessoa, e número, é um dos elementos caracterizadores do verbo.

Podemos dizer, de uma maneira geral (não temos aqui a intenção de investigar todas as submodalidades referentes aos valores aspectuais), que a categoria aspecto pode ser caracterizada a partir da oposição entre as noções de duração e completamento: formas verbais que remetem a ações que se prolongam no tempo e a ações acabadas<sup>14</sup>. Para Ataliba de Castilho (1967:41), “o aspecto é o próprio ponto de vista do falante sobre o desenvolvimento da ação (...) daqui reduzirem-se as noções aspectuais a uma bipolaridade segundo a ação dure (imperfectivo) ou se complete (perfectivo)<sup>15</sup>”. Acompanhando o raciocínio de

<sup>14</sup>Optamos por não entrar no mérito sobre a questão da diferenciação entre as noções de aspecto gramatical e aspecto lexical (Aktionstart), que analisa a atuação dos afixos e de uma diversidade de formas, além da própria natureza semântica dos complementos, no acréscimo de informação aspectual dos enunciados. Reforçamos o lembrete de que não faz parte dos objetivos de nosso trabalho estudar a categoria aspecto, suas diferentes tipologias e submodalidades, de maneira aprofundada. Referimo-nos tão somente à noção de aspecto gramatical, calcada na dicotomia perfectivo x imperfectivo, que exerce considerável influência na interpretação do significado de alguns dos tipos de enunciados que estudamos.

<sup>15</sup>CASTILHO, A.T. de., *Introdução ao estudo do aspecto verbal na Língua Portuguesa*, p. 41.

Castilho, Mattar (1979, p.22) acrescenta que tal afirmação “equivale a dizer que todas as demais noções que vemos interferir na classificação aspectual consistirão, o mais das vezes, em submodalidades ou nuances aspectuais<sup>16</sup>”.

O aspecto imperfectivo caracteriza a idéia de duração de um processo verbal, do qual desconhecemos as fronteiras inicial e final. Indica “a ação de que se ignoram os limites: a ação é aí apanhada em seu pleno desenvolvimento<sup>17</sup>”, segundo Mattar (1999, p.17).

Ao imperfectivo opõe-se o aspecto perfectivo, que corresponde a processos encerrados, isto é, exprime uma ação pontual que se realizou por completo num período de tempo determinado.

Voltando aos exemplos II e IV, vimos que a distinção básica entre ambos está ligada à forma como se estrutura o TAL que lhes é associado, já que, em relação ao valor temporal, tanto um quanto o outro exprimem anterioridade em relação ao tempo da enunciação. A categoria aspecto diz respeito, justamente, a essa “forma como se estrutura” lingüisticamente a modalidade de ação, diferentemente do tempo, que marca a sua localização cronológica. Nas palavras de Othon M. Garcia (2004, p.88), “é a representação mental que o sujeito falante faz do processo verbal como duração<sup>18</sup>”. Ou ainda, na definição de Mira Mateus et al.(2003, p.129), é a categoria que “fornece informações sobre a forma como é perspectivada ou focalizada a estrutura temporal interna de uma situação descrita pela frase, em particular, pela sua predicação<sup>19</sup>”. Assim, afirmar que II e IV diferem na “forma como se estrutura o TAL que lhes é associado” equivale a dizer que a distinção entre os dois enunciados é de natureza aspectual. Em II, o acontecimento lingüístico “João escreveu uma carta” é integralmente concretizado – o processo é compreendido como um todo acabado. Logo, podemos afirmar que o enunciado tem valor aspectual perfectivo em relação ao tempo da enunciação. De maneira distinta, em IV, “João escrevia uma carta” é um processo surpreendido em seu próprio desenvolvimento, ou seja, é uma ação que está em curso no momento em que “Cláudia chegou”. Podemos dizer, assim, que IV tem valor aspectual imperfectivo em relação ao ponto que o localiza.

<sup>16</sup> MATTAR, K.C, op. cit., p. 22.

<sup>17</sup> Ibid., p. 17.

<sup>18</sup> GARCIA, O.M., *Comunicação em prosa moderna*, p. 88.

<sup>19</sup> MIRA MATEUS, M.H et al., op. cit., p. 129.

Veremos, nos capítulos que se seguem, a influência que a categoria aspecto, combinada com as informações referentes a tempo e a modo, pode exercer na interpretação do significado de certos tipos de construções adverbiais introduzidas por **quando**.

A distinção entre as categorias tempo e aspecto é objeto de vasta análise nos estudos de nossa língua. Constatamos, em nossas pesquisas, que a maioria dos teóricos aponta para a dificuldade de dissociá-las na análise, apesar de se tratar de categorias gramaticais diferentes. A principal questão referente a essa dificuldade parece ser o fato de que, em português, assim como em outras línguas, os marcadores básicos dos valores temporais – os tempos verbais – fornecem, através de seus morfemas flexionais, igualmente, informação acerca dos valores aspectuais.

Assim, o que se enfatiza é a capacidade de uma forma verbal exprimir valores referenciais diferentes do tempo gramatical a que, teoricamente, corresponde. Sobre o tema, vale atentar para as palavras de Garcia (2002, p.95).

“Os tempos verbais podem ter tão variadas conotações à margem do seu sentido fundamental, tanto matizes semânticos sob a camada da mesma desinência temporal, que não seria descabido falar em tempos-aspectos, denominação que talvez cause estranheza, pois tempo é uma coisa, e aspecto, outra<sup>20</sup>.”

Mira Mateus et al. (2003, p.129) também menciona a proximidade entre as duas categorias, afirmando que “ambas não podem distinguir-se fundamentalmente” e “têm pontos de contacto na medida em que podem operar como o mesmo tipo de conceitos temporais, como por exemplo, o de intervalo<sup>21</sup>”.

Podemos ilustrar tais considerações tomando como exemplo o caso específico do presente do indicativo, que raramente exprime a idéia de simultaneidade de ação em relação ao momento da enunciação<sup>22</sup>, revelando-se um tempo gramatical matizado por conotações aspectuais e modais.

<sup>20</sup>GARCIA, O.M., op. cit., p. 95.

<sup>21</sup>MIRA MATEUS, M.H et al., op. cit., p. 129.

<sup>22</sup>Sobre o uso do presente do indicativo para exprimir informação estritamente temporal de presente, Mira Mateus et al., (Ibid, p.154) lembra que “isso ocorre claramente com estados enquanto com eventos está restringido a relatos directos e ao uso de enunciados performativos. Ex: A criança está contente / O jogador remata fortemente à baliza”.

VII – Pedro fuma.

VIII – Volto amanhã.

IX – Em 2002, o Brasil vence sua quinta Copa do Mundo.

As três frases acima são apenas algumas das possibilidades de uso que formas verbais no presente do indicativo podem indicar sem fazer referência a este tempo gramatical. Em VII, o presente configura a noção de habitualidade à ação descrita, isto é, representa uma generalização acerca de um fato que se repete no tempo, e não quer dizer, necessariamente, que Pedro esteja fumando no exato momento da enunciação. No exemplo VIII, o verbo no presente – apoiado pelo advérbio de tempo - expressa a idéia de um futuro bem próximo ao momento em que se fala. Em IX, temos o chamado “presente histórico”, em que um fato passado é relatado como se estivesse ocorrendo no momento da enunciação – a referência ao passado é explicitada pelo contexto.

Da mesma forma que o presente do indicativo, outros tempos verbais também apresentam essa “flexibilidade” de uso de acordo com os propósitos comunicativos do falante em cada situação. O que pretendemos ressaltar é que nem sempre as formas verbais concebidas pela gramática dão conta da descrição real do uso da língua pelo falante. Como resume Loana Lagos Maia (1981, p.8),

“é um erro partir de noções de Tempo para explicar o fenômeno lingüístico dos tempos verbais, pois deixamos de levar em consideração fatores relevantes, tais como a combinação dos tempos verbais com a temporalidade dos advérbios (estes muitas vezes como determinantes das noções temporais) e a flexibilidade dos tempos verbais, que podem indicar, em certos contextos, uma noção temporal que não a representada por seus caracteres formais<sup>23</sup>.”

---

<sup>23</sup>MAIA, L.L., *O verbo e o tempo nos mundos do discurso*, Dissertação de Mestrado, PUC-Rio, p. 8.

## A expressão do tempo através da conjunção *quando*

A definição da categoria tempo nos estudos de língua portuguesa está ligada, conforme examinamos no capítulo três, à idéia de que uma situação “localiza-se temporalmente em relação a um outro tempo, que tanto pode ser o da enunciação como um outro, marcado de diversas formas na frase ou em seqüências de frases<sup>24</sup>”, como aponta Mira Mateus et al. (2003, p.129) .

A forma mais comum de se marcar o tempo de um determinado evento é através dos tempos verbais, não obstante os advérbios, as expressões adverbiais temporais e certas construções temporais também possam fazê-lo. Entretanto, nosso objetivo principal consiste, como salientamos na Introdução, em observar a expressão do tempo (e de outras circunstâncias) nas construções formadas pela oração principal e pela oração adverbial temporal introduzida pelo **quando**. Para Mira Mateus et al., (200, p131), neste tipo de construção, “a oração temporal funciona como ponto de referência<sup>25</sup>” em relação à situação descrita na principal. Said Ali (1969, p.140), de maneira semelhante, afirma que “a oração principal faz, em relação à outra sentença, papel análogo ao do advérbio de tempo em relação a um verbo<sup>26</sup>”.

As orações adverbiais temporais com **quando** localizam, portanto, os eventos/estados/situações trazidos pela oração principal determinando-lhes as diferentes possibilidades de fixação de seu intervalo. Assim, a situação descrita na oração temporal pode exprimir anterioridade, simultaneidade ou posterioridade em relação à principal, como ilustramos, respectivamente, nos exemplos a seguir:

A) **Quando cantou no Brasil**, Madonna convidou crianças carentes para o show.

B) **Quando cantou no Brasil**, Madonna lembrou as músicas do começo da carreira.

<sup>24</sup> MIRA MATEUS, M.H et al. op. cit., p. 129.

<sup>25</sup> Ibid., p. 131.

<sup>26</sup> ALI, Said., *Gramática secundária da língua portuguesa*, p. 140.



C) **Quando cantou no Brasil**, Madonna recebeu muitos elogios da crítica.

Em A, temos um quadro em que a situação descrita na oração principal precede o fato expresso pela temporal. Podemos, inclusive, utilizar a locução *antes de* para introduzir a oração adverbial, formando:

*Antes de cantar no Brasil, Madonna convidou crianças carentes para o show.*

Parece-nos clara a idéia de anterioridade da oração principal em relação à temporal, já que, se Madonna convidou crianças carentes para assistirem-na, o convite só pode ter sido feito antes de o show se realizar, evidentemente.

Entretanto, devemos ressaltar que não propomos uma substituição pura e simples do **quando** pelo *antes de*, já que certas nuances temporais podem ser apontadas em cada caso, apesar de a idéia de anterioridade em relação ao fato expresso pela principal ser indiscutível em ambas. O que as difere é a questão da proximidade temporal em relação à ação descrita na oração base, isto é, há uma certa distinção de ordem semântica entre as duas construções que podem ser explicitadas se pensarmos numa linha imaginária do tempo. Se compararmos a sentença iniciada pelo **quando** com a introduzida pelo *antes de*, observaremos que a primeira está temporalmente mais próxima da principal do que a segunda. Logo, numa hipotética escala de gradação do tempo, poderíamos afirmar que entre “Quando cantou no Brasil” e “Antes de cantar no Brasil”, a primeira revela-se mais perto de “convidar crianças carentes para o show” do que a segunda. A expressão *antes de* remete à idéia de um tempo “mais” anterior ao fato expresso na oração principal do que a conjunção **quando**. Com *antes de* temos a sensação de que o convite foi feito antes mesmo de a cantora chegar ao Brasil, ao passo que, com **quando**, a impressão é de que o convite às crianças carentes foi feito momentos ou poucos dias antes do show, com Madonna possivelmente já no país.

E ainda, indo um pouco mais a fundo na interpretação, podemos afirmar que a construção com *antes de*, diferentemente da sentença com **quando**, pode deixar uma certa sensação de dúvida quanto à efetiva realização do convite às crianças carentes. Ou seja, na interpretação com *antes de*, não podemos garantir

com total certeza se o convite que fora feito “antes de cantar no Brasil” realmente foi mantido até a ocorrência do evento. Podemos supor que, antes de vir ao Brasil, Madonna convidou as crianças carentes, mas na hora do show o convite não se tenha mantido ou tenha sido esquecido.

Tais sutilezas de significado são consequência do valor particular de cada expressão utilizada para designar o tempo e de sua integração com os outros elementos que compõem o todo semântico expresso pelo enunciado. Como expõem Costa Campos e Xavier (1991, p.301), “o enunciado resulta de um conjunto de operações de localização, que constroem relações de localização correspondendo a valores de diferentes categorias gramaticais<sup>27</sup>”.

Já em C, observamos que a relação é de posterioridade da principal em relação à temporal, o que nos permite utilizar a locução *depois que* para introduzir a oração adverbial **quando**.

*Depois que cantou no Brasil, Madonna recebeu muitos elogios da crítica.*

Também nos parece óbvio neste caso, que os elogios da crítica foram feitos após a realização do show – não antes, nem durante – isto é, os elogios foram um resultado ou uma consequência do bom show que a cantora fez, no entender dos críticos.

Contudo, cabe, assim como no caso de A, a ressalva quanto à sutil distinção de precisão temporal entre as construções formadas por **quando** e por *depois que*. Seguindo raciocínio análogo, a oração introduzida pelo **quando** expressa a idéia de uma situação que se deu imediatamente ou poucos momentos após a realização do show. Nesta interpretação, entendemos que os elogios da crítica vieram logo após o show, no dia seguinte, ou seja, num intervalo de tempo relativamente curto depois de terminado o show. Já na construção iniciada pela locução *depois que*, esse intervalo de tempo revela-se maior, isto é, neste caso, os elogios da crítica foram feitos num tempo não tão imediatamente após o show como na oração introduzida pelo **quando**.

---

<sup>27</sup>COSTA CAMPOS, M.H e XAVIER, M.F., op. cit., p. 301.

Em B, no entanto, nos deparamos com uma construção em que nem *antes de*, nem *depois que* parecem fazer sentido em relação ao contexto. A idéia é claramente de uma relação de simultaneidade entre os eventos descritos pela oração nuclear e pela oração adverbial. Entendemos que o significado da expressão é de que Madonna cantou músicas do começo da carreira durante o show que fez no Brasil. A leitura com as locuções citadas acima nos soaria um tanto discutível em relação à aceitabilidade:

(?) Antes de cantar no Brasil, Madonna lembrou os sucessos do começo da carreira.

(?) Depois que cantou no Brasil, Madonna lembrou os sucessos do começo da carreira.

Assim, podemos observar pelos exemplos A, B e C, que a conjunção **quando** apresenta uma neutralidade quanto à oposição *concomitante* x *não-concomitante*, sendo, por esta razão, a conjunção temporal mais freqüente. Com valor temporal, **quando** é, portanto, um localizador “neutro quanto à determinação da ordem relativa entre as situações envolvidas, sendo a sua principal função a de saturar, com a eventualidade que lhe está associada, as possibilidades de localização temporal da oração principal<sup>28</sup>”.

É de se notar, também, que a oração adverbial introduzida pelo **quando** apresenta uma mobilidade no interior da frase que não altera o sentido do enunciado. Assim, ela pode ocorrer antes, depois, ou até no meio da oração base que o significado final será mantido. Vejamos:

A’) Madonna convidou crianças carentes para o show **quando cantou no Brasil**.

B’) Madonna lembrou as músicas do começo da carreira **quando cantou no Brasil**.

C’) Madonna recebeu muitos elogios da crítica **quando cantou no Brasil**.

<sup>28</sup>MIRA MATEUS, M.H et al., op. cit., p. 177.

Tal como:

A”) Madonna convidou, **quando cantou no Brasil**, crianças carentes para o show.

B”) Madonna lembrou, **quando cantou no Brasil**, as músicas do começo da carreira.

C”) Madonna recebeu, **quando cantou no Brasil**, muitos elogios da crítica.

Nos dois blocos de exemplos, as orações, além de perfeitamente aceitáveis, mantêm o significado original das sentenças anteriores, em que a adverbial iniciava as frases. Dessa forma, podemos afirmar que as orações adverbiais formadas pelo **quando** apresentam uma polivalência no interior das frases, sem que a sua mudança de posição lhes prejudique o sentido. O fato de a adverbial estar posicionada antes, depois ou no meio da oração principal revela-se irrelevante para a interpretação do significado do todo formado por ambas as predicções. Mira Mateus et al. (2003, p.724), ao comentar diferenças entre coordenação e subordinação adverbial, chama a atenção para o fato de que “há na coordenação o requisito da ordenação temporal das orações, enquanto na subordinação adverbial a oração subordinada temporal pode ocupar diferentes posições na frase complexa em que participa<sup>29</sup>”.

Nos três exemplos observados, tanto a oração adverbial como cada uma das principais utilizam o verbo no pretérito perfeito. Entretanto, o intervalo de tempo em que se dá a ação expressa pela temporal é distinto em cada uma delas. Portanto, podemos notar que o que determina o intervalo de tempo em que se dá o fato expresso na oração temporal são fatores de ordem semântica, isto é, o significado de seus constituintes e sua relação com o todo formado pela associação entre as duas predicções. Ou seja, a natureza semântica dos predicados é fundamental na determinação da informação temporal relativa aos enunciados. Tal constatação vai ao encontro do raciocínio de Costa Campos e Xavier (1991, p.295), quando escrevem que o sentido de uma relação predicativa

---

<sup>29</sup> Ibid., p. 724.

“corresponde à relação entre os termos que a constituem, isto é entre o predicado e seus argumentos, ou entre os argumentos através do predicado<sup>30</sup>”.

Como vimos, uma mesma oração adverbial pode fazer referência a três intervalos temporais distintos, apesar de associada a três diferentes orações principais com tempo e modo verbais idênticos. O que gera essa variação na interpretação é, portanto, o significado que cada verbo e cada elemento da frase carregam consigo. Como afirma Mira Mateus et al. (2003, p.133),

“para além da natureza semântica dos predicados, as informações aspectuais distribuem-se pelos afixos que contêm também informação temporal, pelas construções com auxiliares e semi-auxiliares, e também através da combinação de vários elementos na frase associados aos anteriores, como sejam certos adverbiais e a natureza sintático-semântica dos sintagmas nominais<sup>31</sup>.”

No entanto, para assumir essa função de localizador temporal do evento/estado/situação descrito pela principal, a oração adverbial tem que exprimir efetivamente (ainda que não exclusivamente) a idéia de tempo. Em determinados enunciados formados por oração principal e oração subordinada adverbial introduzida pelo **quando**, podemos verificar que a idéia expressa na adverbial refere-se unicamente ao conceito de tempo, como nos seguintes exemplos:

- 1- A avaria teria ocorrido **quando** o navio fazia manobras em Fort Lauderdale, na Florida, no dia 17 passado.
- 2- **Quando** parar de correr, quero ser um bom golfista.
- 3- **Quando** íamos embarcar, fecharam a porta na nossa cara.
- 4- **Quando** era adolescente, estudei português porque era fã de Roberto Carlos.
- 5- Anna levou uma torta na cara **quando** chegava para um desfile.

Nas frases de 1 a 5, não há outra expressão de circunstância senão a indicação da localização temporal relativa ao fato observado na oração nuclear.

<sup>30</sup> COSTA CAMPOS, M.H e XAVIER, M.F., op.cit., p.295

<sup>31</sup> MIRA MATEUS, M.H et al., op.cit., p.133

Em nenhuma delas há como se apontar qualquer significado adverbial que não o de tempo.

Haverá, entretanto, casos, como veremos mais à frente, em que a idéia expressa não fará referência a qualquer noção temporal, apesar da presença do **quando** na oração adverbial. Em outros, observaremos a co-ocorrência da indicação do tempo em que se dá determinada situação com outras noções circunstanciais, como causa, condição e concessão.

Um dos fatores de maior peso na interpretação dos enunciados é a correlação de certos tempos e modos verbais. Aliada ao conteúdo particular dos elementos, tal combinação influi diretamente no tipo de relação circunstancial que se pode estabelecer entre orações. A combinação de duas construções no presente do indicativo, por exemplo, favorece uma interpretação que indica freqüência/habitualidade que nem sempre expressa um intervalo temporal preciso.

Assim, observaremos, nos capítulos que se seguem, que fatores sintático-gramaticais atuam ao lado da própria natureza semântica dos elementos que compõem as orações na determinação das relações circunstanciais que podem ser expressas pelo tipo de construção que analisamos.

## 5

### Tempo e condição

A interpretação do sentido de um determinado enunciado – não apenas a expressão do intervalo temporal em que ocorre o evento por ele expresso, mas o seu significado como um todo – está, como vimos nas linhas finais da seção anterior, diretamente relacionada ao valor semântico de cada um dos termos que o compõem. O sentido final resulta da integração dos constituintes da sentença dentro do contexto específico em que estão inseridos. Logo, os argumentos de uma determinada relação predicativa estão sujeitos a um número teoricamente infinito de operações, cada uma das quais irá resultar num enunciado com um significado diferente.

Um mesmo elemento gramatical pode, então, assumir valores variados de acordo com os outros termos com que se combina em cada situação. Assim, a palavra **quando**, apesar de ter um uso bastante freqüente em português no campo semântico de tempo, pode também indicar outras circunstâncias. Não há, logicamente, uma regra que estabeleça padrões para determinar sob quais condições o **quando** expressará tempo ou outro valor adverbial. Há, sim, certos fatores sintático-gramaticais que influem diretamente no todo semântico formado pelos componentes de um enunciado. Entre tais fatores, além do valor individual que cada termo carrega consigo, um dos mais significativos é a correlação entre os tempos e os modos verbais.

A fronteira entre certas noções adverbiais pode ser bastante sutil a ponto de nos causar algumas dificuldades em delimitar o fim de uma e o começo de outra. As idéias de tempo, causa e condição são exemplos de valores semânticos próximos, que podem se confundir e se interpenetrar. E o que torna a distinção entre elas ainda mais interessante e complicada é o fato de não serem necessariamente excludentes, isto é, podem ser simultaneamente expressas por uma mesma frase.

Na visão de Mattoso Câmara (1967. p.4), o conceito de condicional “define as formas verbais como características de um modo de realização do

processo verbal e, não, do tempo da sua ocorrência<sup>32</sup>”. Tal definição pode, inclusive, justificar essa possibilidade de convivência simultânea entre tempo e condição, por se tratar de noções que remetem a categorias muito próximas, porém distintas (tempo e modo). Para Evanildo Bechara (2004, p.498), as orações condicionais “não só exprimem condição, mas ainda podem encerrar as idéias de hipótese, eventualidade, concessão, tempo, sem que muitas vezes se possam traçar demarcações entre esses vários campos do pensamento<sup>33</sup>”.

Tomemos, como ilustração, a sentença:

6 - **Quando** o time estiver matematicamente livre do rebaixamento, eu falo sobre o contrato.

Podemos observar claramente a co-ocorrência das idéias de tempo e condição no enunciado acima. O **tempo** do acontecimento lingüístico designado pela oração adverbial é o futuro, marcado pela forma “estiver” no modo subjuntivo. Já a oração nuclear exprime um fato - falar sobre o contrato – que só ocorrerá dentro da **condição** estabelecida na adverbial – o time estar matematicamente livre do rebaixamento – fato que ainda não aconteceu. Vale notar que o verbo “falar” na oração principal está conjugado no presente, mas o futuro também poderia ser usado sem qualquer restrição, formando: Quando o time estiver matematicamente classificado, eu *falarei* sobre o contrato.

O uso da forma no presente para indicar tempo futuro é bastante comum em português. Assim, o futuro é um tempo que, na prática, reveste-se de conotações modais, como hipótese, dúvida, expectativa, já que, para a expressão pura de tempo, o presente, como acentua Mira Mateus et al. (2003, p.154), “pode ser utilizado para referir um tempo posterior ao tempo da enunciação, nomeadamente quando apoiado por adverbiais<sup>34</sup>”.

Tal noção é compartilhada por Mattoso Câmara (1967, p.25) ao afirmar que

<sup>32</sup>CÂMARA JR., J.M., *A forma verbal portuguesa em -ria*, p. 4

<sup>33</sup>BECHARA, E., *Moderna gramática portuguesa*, p. 498.

<sup>34</sup>MIRA MATEUS, M.H, et al., op. cit, p. 154.



“para o teor indicativo de franca asserção, as formas do presente servem satisfatoriamente de expressão de processos por acontecer. (...) Essas formas abarcam o futuro na sua categoria temporal. Para o processo que se vai dar, o sujeito falante prolonga a atualidade que vive, e o futuro se resolve lingüisticamente em presente<sup>35</sup>”.

E ainda segundo o autor,

“a ligação da dúvida, da expectativa, com a idéia de futuro é constante na linguagem espontânea; sem subintenções subjuntivas, potenciais, optativas, imperativas, o tempo futuro, para a asserção franca, se realiza essencialmente pela forma de presente<sup>36</sup>”.

Retomando o exemplo 6, há de se notar, também, a expectativa do falante em relação à concretização da ação futura. Utilizando o **quando**, o falante parece estar seguro quanto à realização do fato, apesar de não poder precisar o momento exato em que ele ocorrerá. Caso optasse pela conjunção **se** em vez do **quando** (Se o time estiver matematicamente livre do rebaixamento), o falante revelaria uma certa dúvida sobre a sua ocorrência, admitindo a hipótese de o time não se livrar do rebaixamento. Logo, observamos que, semanticamente, o **se** está muito mais próximo da idéia de hipótese/incerteza, enquanto o **quando**, mesmo nas construções de valor condicional, revela uma expectativa mais concreta, quase uma certeza, em relação à concretização da ação futura. A escolha da conjunção, como escreve Azeredo (2000, p.100), denota “uma tomada de posição do enunciador<sup>37</sup>”, isto é, o termo utilizado pode revelar diferenças sutis de modalidade de acordo com a intenção/expectativa do falante.

A relação expressa por esse tipo de enunciado pode ser compreendida como *temporal com sentido condicional* (Neves, 2000). Trata-se de construções que envolvem simultaneidade entre o estado de coisas da oração principal e o da temporal e que se caracterizam pelo traço atélico, ou seja, de ação não finalizada (aspecto imperfectivo).

É também de se observar que a inversão da ordem das orações em 6 não altera a relação temporal, nem influi sobre a presença da idéia de condição, como demonstramos em 6’:

<sup>35</sup>CÂMARA JR., J.M., op. cit, p. 25.

<sup>36</sup>CÂMARA JR., J.M., op. cit, p. 21.

<sup>37</sup>AZEREDO, J.C.de., op. cit, p. 100.

6' - Eu falo (falarei) sobre o contrato **quando** o time estiver matematicamente livre do rebaixamento.

No exemplo 6, temos uma construção formada com verbos no futuro do subjuntivo na oração adverbial e no presente do indicativo (remetendo ao futuro) na oração nuclear. Outra combinação possível de expressar sentido condicional é a de duas orações no presente, como ocorre nos exemplos abaixo:

7- **Quando** erro, fico doente, chato, mal-humorado.

8- O Poder Executivo deve reconhecer a competência da burocracia do Estado, mas não pode ceder à usurpação de prerrogativas. **Quando** cede, provoca desgraças.

Em 7 e 8 estamos diante de duas sentenças que exprimem a ocorrência repetida de eventos que se dão, assim como em 6, dentro de uma condição apresentada na oração adverbial. A diferença é que, em 7 e em 8, o tempo verbal da adverbial é o presente do indicativo, enquanto em 6 o verbo da adverbial está conjugado no futuro do subjuntivo. No entanto, são construções que não fazem referência específica a um tempo cronológico presente, passado ou futuro. Trata-se de asserções de caráter geral, que exprimem, nas palavras de Mira Mateus et al.(2003, p.144), “a ocorrência indeterminada de eventos do mesmo tipo que têm lugar num intervalo de tempo não delimitado<sup>38</sup>”.

A troca da conjunção em 7' e 8' nos permite interpretar o enunciado de maneira sutilmente diferente. Vejamos:

7'- *Se* erro, fico doente, chato, mal-humorado.

8'- O Poder Executivo deve reconhecer a competência da burocracia do Estado, mas não pode ceder à usurpação de prerrogativas. *Se* cede, provoca desgraças.

Comparando-se 7 com 7', constatamos que a simples substituição do **quando** pelo *se* é responsável por uma pequena, porém notória, alteração

<sup>38</sup>MIRA MATEUS, M.H., et al, op. cit, p. 144.

semântica na frase. Com **quando**, notamos uma posição mais enfática por parte do falante, isto é, o fato de “errar” é tomado como algo pertencente à sua realidade: ele admite que erra algumas vezes. Com *se*, “errar” já é encarado como uma possibilidade um pouco mais remota – o falante não admite claramente que erra, mas, sim, a hipótese de errar (em 8 e 8’ o raciocínio é rigorosamente o mesmo).

A idéia de condição, além de favorecida pela combinação de tempo e modo verbais no presente do indicativo, faz-se ainda nitidamente presente pelo próprio conteúdo semântico de cada um dos termos que se combinam formando o enunciado. Já a noção de tempo do acontecimento lingüístico expresso pela oração adverbial é neutra, isto é, a conjunção **quando** tem o valor semântico próximo ao de expressões de frequência tais como “sempre que”, ou “toda vez que” para fazer referência a essa “ocorrência indeterminada de eventos do mesmo tipo”. Assim, teríamos:

7’- *Toda vez que erro, fico doente, chato, mal-humorado.*

8’- *O Poder Executivo deve reconhecer a competência da burocracia do Estado, mas não pode ceder à usurpação de prerrogativas. Sempre que cede, provoca desgraças.*

Em 8, ceder à usurpação de prerrogativas é a condição que determina a provocação de desgraças, tal como, em 7, errar é a condição habitual que determina o fato de o falante ficar mal-humorado. No entanto, embora o significado geral dos enunciados 7’ e 8’ ainda seja semelhante ao de 7 e 8, é importante ressaltar que as expressões “sempre que” e “toda vez que” conferem um teor enfático às ações a que se referem, isto é, não se admite outra possibilidade a não ser aquela expressa na oração principal quando o fato contido na adverbial ocorre. Mais uma vez, observamos que a troca do conectivo resulta em alterações semânticas nos enunciados.

Dessa forma, o que nos parece indiscutível é a força que o significado intrínseco a cada uma das conjunções escolhidas pelo falante exerce sobre a interpretação de cada um dos enunciados examinados. Apesar de a idéia básica referente aos conceitos de tempo e condição ser mantida com o uso dos diferentes conectivos vistos, há que se atentar para as nuances de gradação que podem ser

observadas a partir da afinidade de cada conjunção com as sutilezas do significado.

## 5.1

### Nuances semânticas entre as condicionais

Os enunciados 7 e 8 são exemplos de construções que apresentam relação temporal com *sentido condicional eventual*. O aspecto imperfectivo das ações expressas é fundamental para tal interpretação. A idéia de ação não finalizada pode remeter ao conceito de habitualidade, ou seja, de fatos que se repetem no tempo obedecendo às condições observadas na oração adverbial.

Segundo Neves (2000, p.798), em construções deste tipo, “o estado de coisas da oração temporal e o da principal são simultâneos<sup>39</sup>”. Tal afirmação vai ao encontro do que observamos algumas linhas acima: o conceito de tempo em tais enunciados revela-se genérico, sem referir-se, portanto, a um intervalo cronológico específico. Assim, o caráter “simultâneo” diz respeito justamente à idéia da ocorrência regular de fatos determinados por uma condição habitual. Isto é, as circunstâncias trazidas pela oração adverbial são responsáveis por desencadear os processos/eventos/ações vistos na oração nuclear. A fim de ilustrar melhor nosso raciocínio, vejamos o exemplo:

9- **Quando** o nível da água atinge 60 centímetros, os carros podem ser arrastados.

O enunciado em questão apresenta, na oração principal, uma possibilidade que se dá repetidamente de acordo com a circunstância trazida pela oração adverbial. Nosso conhecimento de mundo nos leva a entender perfeitamente que o fato de o nível da água chegar a 60 centímetros é a condição habitual que determina a possibilidade de os carros serem arrastados em dias de forte chuva, pois sabemos que em dias “normais” o nível da água mantém-se estável.

Assim, podemos verificar que o estado de coisas de ambas as orações é simultâneo, já que a concretização da condição apresentada na adverbial implica a

---

<sup>39</sup>MOURA NEVES, M.H. de., *Gramática de usos do português*, p. 798.

realização (neste caso a possibilidade de realização) da situação descrita na oração principal. Seria o caso de dizer, de modo menos formal, que “uma coisa leva a outra”. O aspecto imperfectivo visto em ambas as predicções – com verbos conjugados no presente do indicativo - favorece a leitura iterativa, tal como observado em relação aos exemplos 7 e 8. Como veremos no decorrer de nossa exposição, a interpretação seria sutilmente distinta caso as ações apresentassem o aspecto perfectivo.

“A correlação de presente com presente caracteriza uma perspectiva global imperfectiva de estados de coisas simultâneos (total ou parcial), o que licencia a indicação de **habitualidade**. Esse complexo favorece uma interpretação condicional (...) A correlação de duas formas imperfectivas (presente e presente, ou pretérito imperfecto e pretérito imperfecto) configura **coextensão temporal** dos dois estados de coisas<sup>40</sup>”.

A correlação de duas orações com formas verbais imperfectivas, unidas pelo **quando**, favorece, como observamos, as noções de habitualidade e iteratividade, além de poder, também, expressar a idéia de condição. No entanto, isso não significa que todo enunciado com tal estrutura haverá de denotar, necessariamente, o sentido condicional. Vejamos:

10- **Quando** o metrô parava nas estações, avisávamos aos seguranças que o ar condicionado não estava funcionando e eles ficavam rindo.

A frase acima apresenta orações com formas verbais no pretérito imperfecto do indicativo, sendo a adverbial introduzida pelo **quando**. É clara a presença da noção de iteratividade, que confere ao enunciado a idéia de que *toda vez que* o metrô parava nas estações, os passageiros avisavam aos seguranças sobre o problema com o ar condicionado, e estes se limitavam a rir. A oração adverbial traz, portanto, unicamente, a informação temporal relativa ao fato expresso na principal.

Assim, diferentemente do que ocorre em 7, 8 e 9, o exemplo 10, que também une orações com formas verbais imperfectivas, não apresenta valor condicional. Duas razões são essenciais para essa questão. Em primeiro lugar, a

---

<sup>40</sup>Ibid. p. 791 e 793.

forma verbal conjugada no pretérito imperfeito em 10 aponta para uma seqüência iterativa de fatos com lugar no passado, enquanto em 7, 8 e 9, o presente do indicativo configura uma situação neutra quanto à especificação temporal, fator que licencia a presença da idéia condicional nos respectivos enunciados, já que a relação, nestes casos, passa a ser de implicação: a condição habitual trazida pela oração adverbial induz ao fato visto na oração nuclear.

Além disso, fatores de ordem pragmática nos levam a observar que, em 10, essa relação de implicação inexistente. O fato de o metrô parar nas estações diz respeito à quantificação dos intervalos temporais em que os passageiros alertavam os seguranças sobre o defeito no ar condicionado, mas não pode ser entendido como condição para tanto. Nosso conhecimento da realidade é claro o suficiente para nos fazer entender que não são as paradas nas estações que “condicionam” as reclamações dos passageiros com os seguranças. Todo metrô tem um itinerário a cumprir, com paradas pré-determinadas nas estações. A motivação para as reclamações não tem a ver com as paradas, mas sim com o não funcionamento do ar condicionado, expresso na oração substantiva objetiva direta localizada dentro da própria oração principal. A ausência da noção de condição pode ser vista a partir do teste de substituição do **quando** pelo *se*, que compromete a aceitabilidade da frase:

10' – (?) *Se* o metrô parava nas estações, avisávamos aos seguranças que o ar condicionado não estava funcionando e eles ficavam rindo.

Como salientamos linhas acima, o fato de o metrô parar nas estações não pode ser tomado como hipótese ou possibilidade, por se tratar de um evento cíclico, rotineiro, que se repete no tempo de acordo com o itinerário pré-estabelecido. Por isso, a utilização do *se*, a conjunção condicional por excelência, causa estranheza quanto ao significado do enunciado: não há dúvidas de que o metrô irá parar em todas as estações previstas em sua rota.

A atuação do **quando** como sinônimo de *sempre que* ou *toda vez que*, para caracterizar a “construção de uma sucessão não finita de ocorrências<sup>41</sup>”, é mais rara com tempos verbais que exprimem o aspecto perfectivo, como o pretérito

---

<sup>41</sup>COSTA CAMPOS, M.H. de., *Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa*, p. 37.

perfeito simples, tempo que se refere a uma situação pontual, ocorrida e encerrada inteiramente no passado em relação ao tempo da enunciação. É, portanto, um tempo verbal menos propício a indicar fatos habituais.

Mas a língua em uso é sempre capaz de nos surpreender com fatos que escapam a definições rígidas. Logo, por seu caráter dinâmico, a língua permite que as formas lingüísticas se adaptem às necessidades comunicativas dos falantes.

O exemplo a seguir ilustra justamente um registro lingüístico pouco comum, em que a oração introduzida pelo **quando**, apesar do verbo conjugado no pretérito perfeito simples, exprime a noção iterativa:

11- Ontem, ao derrotar Kiefer, Roger Federer obteve sua sétima vitória em nove semifinais de Grand Slams. As duas que perdeu foram em 2005: para o russo Marat Safin, no Aberto da Austrália, e para o espanhol Rafael Nadal, em Roland Garros. **Quando** ganhou as seis semifinais anteriores, Federer acabou campeão.

A análise do período (talvez um pouco complexa para quem não conhece o sistema de disputa de um torneio de tênis) nos leva a entender que a última sentença, iniciada pela oração adverbial introduzida pelo **quando**, traz consigo a idéia de condição referente a uma seqüência de fatos que se repetiram no passado: as seis vitórias do tenista Roger Federer. Podemos afirmar que o valor expresso por essa oração varia entre temporal e condicional. A noção de tempo só não se faz tão forte como a de condição pelo fato de que, mesmo conjugado no pretérito perfeito simples, o verbo “ganhou” não se refere a um evento pontual e concluído, mas sim a uma sucessão de eventos que se repetiram um certo número de vezes (seis, no caso específico). Dessa forma, parece-nos claro que a idéia da oração introduzida pelo **quando** é a de que, *toda vez que* (ou *sempre que*) venceu uma partida semifinal de Grand Slam<sup>42</sup>, Roger Federer acabou como campeão do torneio em questão. A oração se refere à constatação de que vencer o jogo semifinal tem sido, coincidentemente, um fator condicionante do fato expresso na oração principal (ser campeão). Tal condição (ou coincidência) só deixará de ser verdade no dia em que Roger Federer perder uma final de um torneio Grand Slam,

<sup>42</sup> No circuito mundial de tênis, classificam-se como Grand Slams os torneios da França, dos Estados Unidos, da Austrália e da Inglaterra. Como curiosidade, vale constatar que Roger Federer acabou perdendo a final de um torneio Grand Slam, na França, em junho de 2006. A frase que usamos como exemplo, que deixou, assim, de ser verdade, é do dia 28 de janeiro do mesmo ano.

pois, para chegar à final, o tenista tem que vencer, necessariamente, a partida semifinal. Quando (ou se) isto acontecer, não mais se poderá dizer que “**quando** ganhou as semifinais anteriores, Federer acabou campeão”, já que, embora tenha vencido a semifinal, ele terá perdido o jogo final.

No exemplo 11, temos a co-ocorrência das idéias de tempo e condição, sendo a segunda mais evidente. Observemos, agora, o que ocorre no exemplo 12, em que a noção temporal faz-se mais forte que a condicional:

12- Luizão promete mais gols **quando** estiver entrosado.

Neste caso, podemos observar que a oração adverbial introduzida pelo **quando**, apesar de conjugada no futuro do modo subjuntivo – tempo verbal que geralmente indica dúvida, hipótese e probabilidade – revela uma expectativa muito alta em relação ao acontecimento que está por vir: estar entrosado (com os companheiros de time). Nosso conhecimento de mundo nos permite identificar, na adverbial iniciada pelo **quando**, um significado que beira a certeza quanto à realização do evento futuro. É importante observar, também, que este alto grau de expectativa está diretamente ligado ao valor semântico do verbo “prometer”, que carrega consigo a idéia de que o sujeito praticamente garante que aquilo o que diz irá realmente acontecer.

Há no enunciado, evidentemente, uma dose significativa da noção de condição, já que “estar entrosado” é o fator que permitirá a Luizão fazer mais gols pela sua equipe. No entanto, dentro do contexto apresentado, a noção de condição acaba perdendo um pouco de sua carga justamente pela “certeza futura” quanto à idéia expressa na adverbial. Assim, entendemos que a força maior do enunciado está em seu sentido temporal, isto é, a partir do momento em que estiver entrosado com os outros companheiros de time, Luizão será capaz de marcar mais gols. Trata-se de uma situação que pode levar uma semana, quinze dias, um mês, ou o intervalo de **tempo** necessário para que Luizão se entrose com os outros jogadores. Em outras palavras, podemos afirmar que o fato de “estar entrosado” acaba sendo (na visão do jogador) uma questão de **tempo**, dada a alta expectativa revelada na oração adverbial.

Examinemos, agora, o exemplo 13, que também une as idéias de tempo e condição:



13 - Só vou falar **quando** e se o fato for consumado.

Primeiramente, notamos que o tempo de ambas as predicções é o futuro. O modo, no entanto, é o indicativo na principal e o subjuntivo na adverbial iniciada pelo **quando**. Não há dúvidas, logicamente, quanto à indicação temporal do acontecimento lingüístico expresso na adverbial, que é o futuro. No entanto, um futuro que se posiciona na esfera da probabilidade, da incerteza, da hipótese. A oração introduzida pelo **quando** – independentemente da presença do *se* - nos indica simultaneamente o tempo (futuro) da ação expressa pela principal – falar – e a condição para que isso aconteça – o tal fato ser consumado.

O que torna o exemplo extremamente peculiar e interessante é a intenção do falante em reforçar o caráter condicional de seu enunciado através do uso do “só” na oração principal e do *se* – dispensável, porém utilizado para efeito de ênfase – na adverbial. Caso o falante optasse por não utilizá-los, teríamos uma construção ainda plenamente aceitável e compreensível, como em 13’:

13’ – Vou falar **quando** o fato for consumado.

A diferença entre ambas as construções é quanto à expectativa do falante em relação à concretização do tal fato. Utilizando o *se*, ele deixa transparecer a incerteza quanto à consumação. Já, usando somente o **quando**, somos levados a entender que o falante espera que o fato seja realmente consumado, apesar de não saber, com precisão, quando isto ocorrerá.

Análise semelhante pode ser feita a partir do exemplo:

14- **Quando** o beijo acontecer, o Júnior estará nele por inteiro.

A frase – dita por um ator que interpretava um personagem chamado Júnior numa telenovela – revela (além da condição para que a situação descrita na oração principal ocorra) a certeza do falante em relação à realização do fato expresso na oração adverbial, neste caso, o beijo. O uso do **quando** indica, portanto, que o acontecimento futuro é dado como certo por quem fala, isto é, o ator já sabe de antemão que o tal beijo a que se refere será dado numa cena da novela.

Se substituirmos o **quando** pelo *se*, passamos da certeza à dúvida:

14' – *Se* o beijo acontecer, o Júnior estará nele por inteiro.

Neste caso, a expectativa quanto à realização do fato expresso na oração adverbial já não é tão segura como na oração introduzida pelo **quando**. O uso do *se* deixa o tal beijo na esfera da probabilidade, da incerteza. O ator sabe da possibilidade da realização do beijo numa das cenas da novela, mas não tem a certeza de que esta hipótese confirmar-se-á.

As construções que apresentam relação temporal com sentido condicional podem, ainda, remeter a outro tipo de circunstância: o *sentido condicional factual*. Trata-se de enunciados em que, diferentemente das frases com *sentido condicional eventual*, a idéia de condição está ligada a um fato que pode ser entendido como justificativa para o que se afirma na oração principal. A distinção sutil entre ambos os sentidos (eventual e factual) pode ser observada ao verificarmos se a idéia expressa na oração adverbial apresenta a noção de habitualidade ou de factualidade. Nas construções temporais com *sentido condicional factual*, o caráter simultâneo das ações de ambas as predicções deixa de ser tão evidente. Assim, o **quando**, que introduz a adverbial, tem valor semelhante ao de expressões como *já que* e *uma vez que*.

A diferença entre ambos os tipos, difícil de ser visualizada em certas ocorrências, pode ser identificada a partir desse contraste entre iteratividade e factualidade. Vale ainda ressaltar que o aspecto imperfectivo das ações das duas predicções é relevante (mas não determinante – ver exemplo 10) para que se mantenha o sentido condicional, mesmo no caso das factuais, em que a circunstância trazida pela adverbial justifica a afirmação feita na principal. No capítulo seguinte, observaremos as características marcantes dos enunciados que apresentam relação temporal com sentido causal, dentre as quais a presença do aspecto perfectivo nos verbos é uma das mais significativas.

Cabe aqui ressaltar que, ao seguir tal conceituação (eventual x factual), estamos nos referindo unicamente aos enunciados que apresentam **relação temporal com sentido condicional**. Julgamos necessário deixar claro que não faz parte de nossos objetivos neste trabalho realizar uma investigação excessivamente

detalhada acerca da diversidade de estruturas sintático-semânticas relativas às construções condicionais e seus subtipos.

Lembramos que nosso foco está direcionado ao exame das diferentes possibilidades de significado expressas pelas orações adverbiais introduzidas pelo **quando**. Assim, em relação às condicionais, interessa-nos, essencialmente, analisar seus diferentes matizes semânticos nos enunciados introduzidos pelo **quando**. Por se tratar de uma área do significado que apresenta uma extensa variedade de estruturas sintáticas, a noção de condição abrange diversos níveis de expressão, que podem variar de acordo com a combinação entre tempo e modo verbais e com a conjunção utilizada. Por isso, como estamos trabalhando preferencialmente com as possibilidades de expressão semântica relativas ao **quando**, acreditamos que o foco de nossa pesquisa seria consideravelmente desviado caso optássemos por analisar minuciosamente todas as questões referentes a conceitos como factualidade, não-factualidade e contrafactualidade, bem como aos diferentes graus de expressão da idéia de condição de acordo com cada uma das conjunções pertencentes a este campo do significado. Consideramos mais condizente com nossa proposta abordar tais conceitos na medida em que nosso corpus referente às construções introduzidas pelo **quando** o exija.

Vejamos, agora, dois exemplos de construções em que a oração adverbial temporal apresenta a *sentido condicional factual*:

15- É intolerável que servidores públicos causem transtornos à população – que lhes paga os salários – seja a que título for e por mais justas que possam ser suas reivindicações. Especialmente **quando** têm como função específica, e essencial, cuidar da segurança.

16- **Quando** se sabe que Leonardo da Vinci foi um gênio, Beethoven foi um gênio, Shakespeare também, então a idéia de que você possa ser um acaba parecendo tola.

Em 16, temos a correlação de duas orações com verbos conjugados no presente do indicativo. Como salientamos anteriormente, a combinação de duas formais verbais no presente é comum para indicar as idéias de habitualidade e iteratividade. Entretanto, podemos observar que neste caso ocorre algo distinto. A

informação trazida na oração adverbial refere-se a uma factualidade passada: a constatação de que Leonardo da Vinci, Beethoven e Shakespeare foram gênios, e não a uma situação habitual, que pode se repetir no tempo um número indeterminado de vezes, conforme observado nos exemplos 7 e 9 (*Quando erro* e *Quando o nível da água atinge 60 centímetros*, respectivamente).

Em outros termos, “saber que da Vinci, Beethoven e Shakespeare foram gênios” pode ser entendido como um estado/processo permanente que não remete, portanto, à idéia de iteratividade característica das construções com *sentido condicional eventual*. A adverbial introduzida pelo **quando** justifica a afirmação feita na oração principal, conforme examinamos ao utilizar a expressão *já que*:

16’ – *Já que* se sabe que Leonardo da Vinci foi um gênio, Beethoven foi um gênio, Shakespeare também, então a idéia de que você possa ser um acaba parecendo tola.

Por outro lado, a substituição com as expressões de frequência causaria certa estranheza quanto à aceitabilidade:

16’’ – (?) *Sempre que* se sabe que Leonardo da Vinci foi um gênio, Beethoven foi um gênio, Shakespeare também, então a idéia de que você possa ser um acaba parecendo tola.

Observamos, também, a presença da conjunção *então*, que atua como elemento de ênfase à afirmação apresentada na oração principal. No entanto, podemos perceber que sua presença é absolutamente dispensável – o significado do enunciado mantém-se inalterado se a retirarmos.

16’’’ – **Quando** se sabe que Leonardo da Vinci foi um gênio, Beethoven foi um gênio, Shakespeare também, a idéia de que você possa ser um acaba parecendo tola.

No exemplo 15 o raciocínio é semelhante, porém, com a diferença de que a relação entre a oração adverbial introduzida pelo **quando** e a principal extrapola o âmbito da frase, referindo-se ao texto como um todo. Assim, notamos que a

coesão entre os dois períodos é mantida pela presença da palavra *especialmente*, que atua como elemento de reforço à idéia contida na oração “é intolerável que servidores públicos causem transtornos à população...”.

Vale enfatizar que o enunciado deixaria de fazer sentido caso retirássemos o *especialmente*, responsável pela coesão entre as duas orações. O **quando**, neste caso, se refere à noção de que *uma vez que* têm como função essencial cuidar da segurança pública, é intolerável que os servidores públicos causem transtornos à população. Há de se levar em conta, necessariamente, o contexto por trás do enunciado, que se refere à notícia sobre uma manifestação feita por agentes da polícia civil (servidores públicos), que acabou gerando sérios problemas no trânsito do local onde ocorreu. Desta feita, podemos assumir como pertencente à realidade objetiva o fato de que os servidores públicos em questão **são, efetivamente, responsáveis pela segurança pública**. Tal constatação é importante para facilitar-nos a compreensão do significado expresso pelo **quando** neste caso: *já que/uma vez que* têm como função essencial cuidar da segurança pública, é intolerável que servidores públicos (agentes da polícia civil) causem transtornos à população. Fica clara, portanto, a noção de justificativa contida na oração adverbial em relação à frase que a antecede. Assim como em 16, observamos que o fato expresso na oração adverbial diz respeito a uma ação de caráter geral, rotineiro – ter como função específica cuidar da segurança – e não a uma seqüência indeterminada de eventos que se repetem no tempo. A conjunção condicional *se* também pode ser utilizada no enunciado, com a ressalva de que colocaria em dúvida o fato de que os servidores públicos citados são, realmente, responsáveis pela segurança pública:

15’ - É intolerável que servidores públicos causem transtornos à população – que lhes paga os salários – seja a que título for e por mais justas que possam ser suas reivindicações. Especialmente *se* têm como função específica, e essencial, cuidar da segurança.

Diferentemente de 15, em que temos a utilização do **quando**, em 15’ a presença do *se* confere ao enunciado a idéia de incerteza em relação à função dos servidores públicos – que já sabemos de antemão pelas circunstâncias do contexto por trás da notícia, ser, especificamente, cuidar da segurança pública.

Com *sempre que* ou *toda vez que* o período perde completamente o sentido:

15'' – (?) É intolerável que servidores públicos causem transtornos à população – que lhes paga os salários – seja a que título for e por mais justas que possam ser suas reivindicações. Especialmente *toda vez que* têm como função específica, e essencial, cuidar da segurança.

A estranheza em relação à aceitabilidade de 15'' pode ser compreendida pela idéia de que - como observamos anteriormente - o conceito de “ter como função específica cuidar da segurança” não remete à noção de habitualidade/iteratividade, mas sim a um processo de caráter permanente, tal como o fato de “saber que Leonardo da Vinci, Beethoven e Shakespeare foram gênios”. Daí a perda de sentido ao utilizarmos expressões que se referem à repetição indeterminada de algum evento/estado/ação.

A observação dos diferentes tipos de relação temporal com sentido condicional leva-nos a uma constatação básica: tanto nas construções com *sentido condicional eventual*, como nas com *sentido condicional factual*, as características sintático-gramaticais são praticamente as mesmas. Em ambos os tipos, notamos que na oração principal e na adverbial ocorrem tempos verbais que abrigam o aspecto imperfectivo, em que a ação não é delimitada temporalmente. A diferença só pode ser, então, de ordem semântico-pragmática.

Logo, o significado de cada um dos elementos que compõem o enunciado, e, naturalmente, o sentido que resulta de sua associação com os demais, é que determinarão a caracterização circunstancial das frases. Em razão disso é que, por vezes, as distinções entre dois enunciados revelam-se muito sutis, pois, sintática e gramaticalmente, suas estruturas podem ser idênticas, cabendo unicamente ao contexto e à natureza semântica de seus complementos diferenciá-los.

Assim, podemos afirmar que as noções de habitualidade e factualidade, essenciais para a interpretação das relações temporais com sentido condicional, só poderão ser observadas em função do conteúdo particular trazido por cada um dos elementos envolvidos no enunciado, e da relação de cada um deles com o contexto. Como argumenta Vaz Leão (1961), o sentido final de um enunciado

“está no contexto, no valor conceptual dos vocábulos e sintagmas, e não no molde da frase<sup>43</sup>”.

Dessa forma, a noção de habitualidade presente em “**Quando** o nível da água atinge 60 centímetros” bem como a factualidade constatada em “**quando** têm como função específica cuidar da segurança” são identificadas e assim diferenciadas graças à nossa capacidade de interpretar o significado expresso pela associação das diferentes palavras que compõem cada uma das orações, já que ambas, gramaticalmente, apresentam o mesmo tempo verbal (atinge/têm), o presente do indicativo.

---

<sup>43</sup>LEÃO, A.V., *O período hipotético iniciado por se*. Belo Horizonte, Universidade de Minas Gerais. 1961 (Tese de concurso para catedrático).

## 6

### Tempo e causa

Vimos no capítulo anterior alguns fatores que favorecem a interpretação condicional nas orações adverbiais introduzidas pelo **quando**. Observamos que algumas combinações de predicções com relação temporal efetuadas pelo **quando** levam a uma leitura condicional. As combinações de tempos verbais que apresentam o aspecto imperfectivo são as que mais freqüentemente propiciam a presença da idéia de condição nas chamadas construções adverbiais temporais com sentido condicional.

Outro tipo de relação semântica envolvendo as orações adverbiais introduzidas pelo **quando** é a que concilia as noções de tempo e causa. Em certos tipos de construções, podemos notar que, à idéia relativa ao tempo do acontecimento expresso na oração principal, a oração adverbial acrescenta a noção de causa referente a esse mesmo acontecimento.

Diferentemente do que observamos em relação às frases que expressam a idéia de condição, os enunciados que favorecem a leitura causal são, geralmente, caracterizados por tempos verbais que abrigam o aspecto perfectivo, que remete a ações/eventos/processos já concluídos em sua totalidade. Assim, a relação que se constrói, em conjunto com o sentido temporal, é a de causa e efeito entre os fatos expressos nas orações principal e adverbial. Analisemos os seguintes exemplos:

17- **Quando** foram informados de que não havia cofre, os bandidos ficaram ainda mais nervosos.

18- **Quando** acertamos o saque, diminuindo a velocidade das chinesas, as coisas começaram a melhorar.

19- Na delegacia, **quando** o rapaz comentou que não ficaria preso por ser menor, Maria do Carmo saltou com uma faca na jugular dele e o matou, num só golpe.



Primeiramente, podemos apontar para o fato de que, nas três construções, ocorre o pretérito perfeito tanto nas orações principais como nas adverbiais. O uso deste tempo verbal, que abriga o aspecto perfectivo, remete à idéia de uma ação concretizada em sua totalidade, ou seja, o fato é tomado como algo que efetivamente ocorreu. Não há, desta forma, espaço para dúvida, hipótese ou incerteza. Diferentemente do que vimos ao analisar as construções temporais com sentido condicional, no caso das causais a substituição pela conjunção *se* não é admitida, por comprometer a aceitabilidade dos enunciados.

17' – (?) *Se* foram informados de que não havia cofre, os bandidos ficaram ainda mais nervosos.

18' – (?) *Se* acertamos o saque, diminuindo a velocidade das chinesas, as coisas começaram a melhorar.

19' – (?) Na delegacia, *se* o rapaz comentou que não ficaria preso por ser menor, Maria do Carmo saltou com uma faca na jugular dele e o matou, num só golpe.

Notamos, logo à primeira vista, que, ao substituírmos o **quando** pelo *se*, os enunciados deixam de fazer sentido. Tal constatação pode ser explicada pelo fato de que os verbos que denotam o aspecto perfectivo estão ligados à noção de ação conclusa, pontual “em que a expressão lingüística dá uma ocorrência já completada (...) que corresponde a um simples ponto na linha figurada do tempo<sup>44</sup>”.

Assim, ao utilizarmos termos que denotam uma idéia oposta a esse conceito de ação encerrada – dúvida, probabilidade, hipótese – deparamo-nos com enunciados comprometidos em seus significados.

Voltando aos exemplos 17, 18 e 19, verificamos que, na linha cronológica do tempo, o fato expresso na oração adverbial antecede o da principal nas três construções. Ao analisarmos o valor semântico de cada um dos enunciados, não é difícil perceber que a relação que se estabelece entre as idéias das orações

---

<sup>44</sup>CÂMARA JR. J.M., op. cit., p. 16.

adverbial e principal é de causa e efeito (além da noção temporal que co-ocorre com o sentido causal). A substituição do **quando** por *uma vez que* e *porque* corrobora nosso raciocínio:

17'' – *Uma vez que* foram informados de que não havia cofre, os bandidos ficaram ainda mais nervosos.

18'' - *Uma vez que* acertamos o saque, diminuindo a velocidade das chinesas, as coisas começaram a melhorar.

19'' - Na delegacia, *uma vez que* o rapaz comentou que não ficaria preso por ser menor, Maria do Carmo saltou com uma faca na jugular dele e o matou, num só golpe.

Ou, invertendo-se a ordem das orações:

17''' – Os bandidos ficaram ainda mais nervosos *porque* foram informados de que não havia cofre.

18''' – As coisas começaram a melhorar *porque* acertamos o saque, diminuindo a velocidade das chinesas.

19''' – Na delegacia, Maria do Carmo saltou com uma faca na jugular do rapaz e o matou, num só golpe, *porque* ele comentou que não ficaria preso por ser menor.

Assim, em 17, podemos afirmar que a **causa** que motivou o fato de os bandidos ficarem mais nervosos foi a informação de que não havia cofre. É certo, também, que o momento (**tempo**) a partir do qual bandidos ficaram nervosos foi ao saber que não havia cofre, porém, nos parece que a idéia causal possui uma carga mais significativa que a temporal.

Em 18, podemos raciocinar de modo idêntico: ter acertado o saque foi a **causa**, a razão, o motivo que teve como resultado a melhora da equipe na partida. Vale mencionar, neste caso específico, o fato expresso na oração intercalada entre

a adverbial e a principal, que esclarece o “benefício técnico” que o fato de passar a acertar o saque gerou e que, conseqüentemente, levou à melhoria das coisas: diminuir a velocidade das chinas. No entanto, a oração intercalada funciona como mera informação adicional, que não compromete o sentido causal da frase caso a retiremos:

18’’’’ – **Quando** acertamos o saque, as coisas começaram a melhorar.

Como em 17, não podemos ignorar a presença da idéia de tempo: as coisas começaram a melhorar a partir do momento (**tempo**) em que a equipe acertou o saque, porém, novamente, a noção **causal** parece-nos mais evidente.

Em 19, o comentário do rapaz, de que não ficaria preso por ser menor, levou Maria do Carmo a matá-lo com uma facada no pescoço. Novamente as idéias de tempo e causa se misturam, sendo a segunda mais expressiva, pois o contexto nos leva a entender que o teor do comentário do rapaz (**causa**) motivou a ira de Maria do Carmo, naquele instante (**tempo**).

Em 17, 18 e 19, temos exemplos de construções em que coexistem as idéias de causa e tempo, sendo a primeira contextualmente mais significativa. No entanto, é válido observar que as três frases se assemelham por um importante detalhe: em todas, a oração subordinada adverbial localiza-se à frente da chamada principal. Entendemos que tal fato tem relevância no significado final do enunciado, pois, da maneira que estão estruturadas as sentenças, o sentido causal acaba intensificado, enquanto a idéia temporal é sutilmente atenuada.

Em 20, temos outra construção que une as idéias de tempo e causa, com a diferença de que a oração principal antecede a adverbial.

20- A confusão começou **quando** um ladrão roubou um Astra nas esquinas das ruas Guilhermina Guinle e São Clemente, por volta de meio-dia.

Diferentemente de 17, 18 e 19, esta frase acaba por marcar a idéia temporal de uma forma mais significativa que a causal. O fato de a oração principal estar posicionada à frente da adverbial confere maior ênfase à informação relativa ao tempo a partir do qual “a confusão começou”. Acreditamos

que, com a ordem das orações invertida, invertem-se, também, esses níveis de intensificação entre as idéias de tempo e causa.

20'- Quando um ladrão roubou um Astra nas esquinas das ruas Guilhermina Guinle e São Clemente, por volta de meio-dia, a confusão começou.

A presença da oração adverbial à frente da principal intensifica, na nossa maneira de ver, o fato que motivou o início da tal confusão. Portanto, julgamos coerente afirmar que, em 20', a idéia causal sobrepõe-se à temporal, já que, logo à primeira vista, somos informados de que um ladrão roubou um carro e que tal fato culminou com uma confusão.

Apesar dessa sutil variação semântica resultante da ordenação entre as orações, cabe deixar claro que, independentemente da ordem em que elas se encontram, as idéias de tempo e causa coexistem naturalmente nos exemplos de 17 a 20. O fato de uma idéia possuir uma carga mais forte em virtude da ordenação da construção, de maneira nenhuma exclui a outra. Atenuar não significa eliminar.

Assim como observamos nas construções que apresentam relação temporal com sentido condicional factual, a substituição de **quando** por *uma vez que* se revela aceitável, com algumas ressalvas:

20''- A confusão começou *uma vez que* um ladrão roubou um Astra nas esquinas das ruas Guilhermina Guinle e São Clemente, por volta de meio-dia.

Sobre o uso de *uma vez que* para denotar causa e condição, Garcia (2004, p.98) escreve que tal locução “exprime condição quando o verbo da oração que encabeça está no subjuntivo. Mas, se estiver no indicativo, ela passa ter sentido causal<sup>45</sup>”. Da mesma maneira, Maria Elizabeth de Sá Cunha Pinheiro (1980, p.47) afirma que “*uma vez que* tem sentido causal quando o verbo da subordinada figura no modo indicativo<sup>46</sup>”.

<sup>45</sup>GARCIA, O.M., op. cit, p. 98.

<sup>46</sup>PINHEIRO, M.E. de S. C., *Os períodos hipotéticos: uma análise pressupocisional*, Dissertação de Mestrado, PUC-Rio, p. 47.

Tal raciocínio pode ser aplicado aos exemplos 17, 18 e 19, que apresentam verbos conjugados no pretérito perfeito do indicativo – tempo que favorece a interpretação causal – conforme vimos ao testarmos a troca de **quando** por *uma vez que* em 17'', 18'' e 19''.

As ressalvas, todavia, dizem respeito ao fato de que, ao substituirmos **quando** por *uma vez que*, notamos um enfraquecimento da idéia temporal referente às sentenças originais. Essa distinção semântica, como observamos em alguns exemplos anteriores, só pode ser justificada pelo próprio conteúdo inerente a cada uma das conjunções que atuam de forma a garantir a coesão dos enunciados.

No entanto, se retomarmos os exemplos 15 e 16, constataremos que os verbos também se encontram no modo indicativo (sabe e têm), caracterizando as construções que expressam relação temporal com *sentido condicional factual*. E, nos dois exemplos, a substituição do **quando** por *uma vez que* se revela aceitável, com a mesma alteração semântica que apontamos em 17'', 18'' e 19'' – o enfraquecimento da idéia temporal. Assim, temos a ocorrência de *uma vez que* seguida de formas verbais no indicativo, estrutura que, segundo as afirmações de Garcia (2004) e Pinheiro (1980), propiciariam leitura causal.

Diante deste aparente dilema, cabe o questionamento: até que ponto podemos apontar diferenças semânticas entre uma oração adverbial temporal com sentido condicional factual e uma oração temporal com sentido causal? Como dissociar seus significados se ambas podem ser entendidas como justificativa para o fato mencionado na oração principal? Será a oposição aspectual *perfectivo x imperfectivo* suficiente para impor um hiato entre as duas áreas do significado, ou estaremos diante de duas possibilidades de expressão sutilmente distintas de uma mesma modalidade?

## 7

### Tempo, causa e condição

Ao final do capítulo 4, em que analisamos as construções adverbiais que exprimem concomitantemente as idéias de tempo e causa, abordamos uma questão complexa no que se refere às diferentes circunstâncias adverbiais da língua portuguesa.

Dentre tais circunstâncias, a área que envolve as noções de causa/condição/conclusão/explicação é, indiscutivelmente, uma das mais abrangentes em relação à diversidade de possibilidades de interpretação. Trata-se de conceitos extremamente próximos que, na maioria das vezes, só podem ser diferenciados a partir de fatores sintáticos, já que, como argumenta Mira Mateus et al. (2003, p.714) “do ponto de vista semântico, há afinidades entre as orações causais, as condicionais, as conclusivas e as explicativas, porque todas elas exprimem proposições<sup>47</sup>”.

À nossa pesquisa, interessam, primordialmente, as questões relativas aos conceitos de condição e causa que, como vimos, coexistem com a noção de tempo em boa parte das orações adverbiais introduzidas pelo **quando**.

Vimos em Neves (2003) que certos tipos de enunciados que conciliam a idéia de tempo com a de causa podem ser distinguidos pela forma verbal utilizada. A combinação entre tempo, modo e aspecto é fundamental para a interpretação das diferentes possibilidades de significado. Assim, verificamos que orações com formas verbais que apresentam aspecto *imperfectivo* favorecem uma leitura condicional, enquanto as formas *perfectivas* denotam sentido causal (ver exemplos 7 e 17, respectivamente).

Todavia, a questão se torna mais complexa no caso das orações adverbiais que apresentam relação temporal com *sentido condicional factual*. Como observamos, neste tipo de construção, o fato contido na oração adverbial pode ser interpretado como justificativa para o que se afirma na oração principal – caso em que o **quando** exprime valor semelhante ao de *uma vez que* e *já que*.

---

<sup>47</sup>MIRA MATEUS, M.H., et al., op. cit, p. 714.

Em comparação com as orações adverbiais que apresentam relação temporal com sentido causal, acreditamos que é certo afirmar que a diferença se dá apenas no nível da sintaxe, de acordo com a forma verbal *perfectiva* ou *imperfectiva*, pois, como podemos apontar, no plano do significado, distinções entre dois tipos de orações que atuam como justificativa para o que foi dito na outra oração? Como não se falar em causa, se a relação expressa entre os acontecimentos das duas predicções envolve valores de causalidade? A fim de ilustrarmos o raciocínio, comparemos as duas sentenças:

21- Ronaldo dá uma demonstração de despreparo, **quando** se iguala ao Romário na maneira de reagir às críticas, de forma destemperada, e de enorme falta de argumento.

21'- Ronaldo deu uma demonstração de despreparo, **quando** se igualou ao Romário na maneira de reagir às críticas, de forma destemperada, e de enorme falta de argumento.

Observando ambas as construções, notamos que a única diferença se refere ao tempo verbal: presente em 20 e pretérito perfeito em 20', ambas no modo indicativo. A questão que se coloca é: seria essa distinção, neste caso, relevante o suficiente para determinar algum tipo de diferença semântica concreta entre os dois enunciados?

Entendemos que, do ponto de vista do significado global de cada uma das construções, a única distinção que pode ser efetivamente apontada se refere à especificação temporal. O presente do indicativo confere ao exemplo 20 um caráter geral em relação ao tempo, diferentemente de 20' que, com formas verbais no pretérito perfeito, marca a ação como passada e encerrada.

Semanticamente, no entanto, em ambos os enunciados, a idéia nos parece idêntica: o fato apresentado na adverbial introduzida pelo **quando** explica a afirmação feita na oração principal: ter-se igualado ao Romário na forma de reagir às críticas, de forma destemperada e de enorme falta de argumento, é a razão que demonstra o despreparo de Ronaldo. Entendemos que a diferença quanto ao tempo verbal neste caso não influi a ponto de podermos afirmar que a adverbial de 20 denota condição e a de 20', causa. Acreditamos que a questão, em casos como

este, não diz respeito a classificar a circunstância adverbial como causa ou condição por um fator sintático que, efetivamente, não altera o teor semântico dos enunciados. Mesmo porque, vale ressaltar que a inferência “Ronaldo dá/deu uma demonstração de despreparo” não tem como causa real ou condição suficiente<sup>48</sup> o fato de “se igualar/igualou ao Romário na forma de reagir às críticas”, etc. A informação da oração adverbial não foi a causa responsável por gerar o fato expresso na oração principal – o conteúdo proposicional da adverbial (quando se iguala ao Romário na forma de reagir às críticas...) refere-se, na realidade, à razão da inferência (Ronaldo dá demonstração de despreparo), mas não pode ser tomada como um efeito necessariamente direto da mesma. É o caso em que a oração dita causal (ou condicional) exprime o que pode ser tomado como resultado e não como a causa em relação à oração principal. Nas palavras de Mira Mateus et al. (2003, p.), “é costume distinguir entre a causa ‘de re’ e a causa ‘de dicto’: ‘de re’ quando a relação da causa/efeito corresponde ao que se passa na realidade objectiva: ‘de dicto’ quando a relação de inferência é estabelecida pelo sujeito enunciador<sup>49</sup>”.

Para ilustrar esta diferenciação, tomemos dois exemplos propostos pela própria autora:

V - Houve seca em Portugal em 1981, porque não choveu.

VI – João foi ao cinema, porque não lhe apetecia estudar.

As duas frases envolvem relação de causalidade. Entretanto, em I, “não choveu” é causa diretamente responsável por ter havido seca, isto é, a relação de causa e efeito corresponde à realidade objetiva. Já em II, diferentemente, “não lhe apetecia estudar” não é, necessariamente, a causa de “ir ao cinema”, e sim uma razão. “Ir ao cinema” não pode ser tomado, assim, como um efeito obrigatório de João não querer estudar. Em I, pelo contrário, não ter chovido teve como efeito direto a seca em Portugal em 1981.

Tanto as orações causais, quanto as condicionais exprimem relações de dependência semântica entre proposições. No entanto, como afirma a autora, “sob

<sup>48</sup>Cf. MIRA MATEUS, m.h, *Gramática da língua portuguesa*, p.712 – para uma exposição mais detalhada acerca das diferentes modalidades de expressão de causalidade.

<sup>49</sup>Ibid., p. 712.



a designação de causalidade incluem-se diferentes valores<sup>50</sup>”, dentre os quais se encontra justamente o de condição. Logo, em certos tipos de enunciado, a fronteira entre causa e condição acaba por revelar-se indefinida, “ficando a distinção patente apenas nos pontos extremos: fato/realidade x hipótese/irrealidade<sup>51</sup>”, como coloca Azeredo (2003, p.100). Desse modo, será extenso o quadro de possibilidades de variação que se configura de acordo com as especificações modo-temporais dos verbos e com as peculiaridades contextuais de cada situação. Diferentes níveis de expressão de valores semânticos de causa e condição também estão diretamente ligados à escolha da conjunção pelo falante/redator.

Acreditamos, porém, que não cabe dentro de nossa pesquisa um aprofundamento muito maior nesta questão, o que acarretaria, inevitavelmente, um desvio inadequado em relação aos objetivos principais da proposta, concentrada em analisar as diferentes possibilidades de variação semântica nas orações adverbiais introduzidas pelo **quando**.

---

<sup>50</sup>Ibid., p. 711.

<sup>51</sup>AZEREDO, J.C.de., op. cit., p. 100.

## Tempo e concessão

Ao longo dos capítulos anteriores, procuramos analisar a co-ocorrência de diferentes circunstâncias adverbiais nas construções que apresentam a estrutura oração principal + oração subordinada adverbial introduzida pelo **quando**. Através dos exemplos coletados em situações de uso efetivo da língua, observamos as maneiras como se interrelacionam diferentes áreas do significado e o quanto pode ser árdua, por vezes, a tarefa de estabelecer fronteiras entre elas. Referimo-nos, especificamente, às noções de tempo, condição e causa que, como vimos, podem apresentar relações um tanto quanto íntimas de acordo com o contexto que envolve os enunciados e com fatores sintático-gramaticais de inegável relevância.

Ao tratar do assunto, Bechara (1954, p.11) escreve que “nem sempre se traçam demarcações rigorosas nos meios de expressão que traduzem a gama variada e complexa de nossos pensamentos. (...) A língua popular não faz separação rigorosa entre o pensamento condicional, o temporal e o causal<sup>52</sup>”.

Além das construções que favorecem a interpretação condicional e a causal, as orações adverbiais introduzidas pelo **quando** também podem remeter à idéia de concessividade em determinadas situações. A noção de concessão por si só já pressupõe, como explica Bechara (1954, p.12), “uma condição cuja consequência será negada na proposição complementar<sup>53</sup>”.

A idéia fundamental do pensamento concessivo se refere à existência de uma relação de oposição ou contraste entre os fatos contidos nas orações principal e adverbial, causando, de tal forma, uma sensação de estranhamento, de um efeito contrário à expectativa. O referido autor destaca a proximidade entre essas diferentes áreas do significado ao afirmar que “as relações entre o pensamento concessivo e o temporal se estreitaram pelos contatos deste último com a idéia causal e a condicional<sup>54</sup>”.

---

<sup>52</sup>BECHARA, E., *Meios de expressão do pensamento concessivo em Português*, p. 11.

<sup>53</sup>Ibid., p. 12.

<sup>54</sup>Ibid., p. 15.

A definição de Neves (2000, p.872) acerca da idéia de concessão ilustra com propriedade o que exemplificamos a seguir:

Um evento, ou uma situação, é apresentado na oração concessiva como obstáculo à realização do evento ou à existência da situação expressa na oração principal, porém esse obstáculo não é suficiente para impedir aquela situação ou evento.<sup>55</sup>

Observemos, agora, o exemplo:

21- Diante dos banhistas em Copacabana, uma traineira pesca sardinhas em pleno defeso, **quando** a atividade é proibida para preservar a espécie.

Analisando o exemplo 21, identificamos duas proposições que se opõem:

- Uma traineira pesca sardinhas em pleno defeso (oração principal)
- Esta atividade é proibida para preservar a espécie (oração adverbial)

A coesão entre as orações é feita pelo **quando**<sup>56</sup>, que introduz a oração que exprime o fato que seria (mas acaba não sendo) o obstáculo para a realização da situação contida na oração principal. Em outras palavras, a expectativa “natural” de acordo com a realidade objetiva seria a de que o fato de a atividade ser proibida para preservar a espécie impedisse a pesca de sardinhas em pleno defeso. Todavia, esse fato revela-se insuficiente e a expectativa “natural” acaba sendo contrariada. Recorremos, novamente, às palavras de Neves, que comenta que, “no sentido geral, o que ocorre numa construção concessiva é que uma pretensa causa (ou condição) é expressa na oração concessiva, mas aquilo que dela se pode esperar é negado na oração principal<sup>57</sup>”.

Por fim, cabe enfatizar que o uso do quando para expressar a relação de concessividade/contraste pode ser considerado raro nas situações comunicativas de nossa língua nos dias atuais, principalmente se comparado às outras áreas

<sup>55</sup>MOURA NEVES, M.H. de., op. cit., p. 872.

<sup>56</sup>Sobre esta questão, Bechara (1954) afirma que a relação condicional-temporal favoreceu o emprego de **quando** em casos nitidamente concessivos.

<sup>57</sup>MOURA NEVES, M.H. de., op. cit., p. 868.

semânticas (causa e condição) estudadas. O exemplo 21, muito embora tenha sido encontrado em um texto do ano de 2006, representa uma ocorrência que praticamente caiu em desuso no português de hoje. Nessa acepção, o **quando** era utilizado com frequência bem mais acentuada nos escritos do português arcaico<sup>58</sup>. Em nossos dias, na linguagem oral, prevalecem na expressão do pensamento concessivo as locuções como *apesar de*, *ainda que*, *se bem que*, além da conjunção *mesmo* (*mesmo assim*), enquanto, na escrita, *embora* e *ao passo que* também são utilizadas em larga escala.

---

<sup>58</sup>Sobre uma exposição mais detalhada em relação ao uso do **quando** para expressar a idéia concessiva no português arcaico, ver Bechara (1954, p. 45).

## Conclusão

A pesquisa realizada nos estimula a lançar um olhar um pouco mais cuidadoso sobre as construções adverbiais introduzidas pela conjunção **quando**. Conforme comentamos nas primeiras linhas de nossa exposição, a tentativa de classificação rígida de acordo com o uso de determinada conjunção é insuficiente para dar conta da diversidade de possibilidades de significado que podem ser expressas pelas orações adverbiais.

No caso específico de nossa investigação, concluímos que o sentido final de um enunciado formado por oração principal e oração subordinada adverbial introduzida pelo **quando** dependerá, fundamentalmente, das relações semânticas que se estabelecem entre os elementos que compõem o enunciado e dos fatores pragmáticos que envolvem cada situação de uso da língua – apesar da inegável relevância de componentes sintático-gramaticais. Em relação à complexa distinção entre as orações adverbiais temporais que apresentam o sentido condicional factual e as que apresentam o sentido causal, por exemplo, verificamos que, em determinados contextos, a caracterização modo-aspectual é insuficiente para apontar diferenças semânticas reais entre os enunciados, dado o alto grau de afinidade entre as áreas. Assim, a tentativa de padronizar/classificar revela-se inútil diante do turbilhão de possibilidades que a língua em uso oferece.

Os exemplos com os quais ilustramos nossas considerações corroboram a idéia de que, muitas vezes, revela-se penosa a tarefa de delimitar com precisão as fronteiras entre as áreas de tempo, condição e causa. As variadas possibilidades de combinações modo-temporais, aliadas às especificações semântico-pragmáticas de cada ato de comunicação, configuram um extenso quadro em que essas circunstâncias adverbiais tão próximas se interpenetram de modo a coexistir num mesmo enunciado.

No entanto, apesar dessa co-ocorrência de diferentes sentidos adverbiais em um mesmo período, pudemos constatar certas nuances de gradação e ênfase – às vezes imperceptíveis numa primeira leitura – apontadas a partir da escolha do conectivo entre as orações. Portanto, o que se nos mostrou incontestável é a forte

carga semântica que cada conjunção carrega naturalmente consigo, a ponto de determinar sensíveis alterações de significado nos enunciados. A colocação de Azeredo (2000), já citada no capítulo 5, de que a escolha da conjunção denota "uma tomada de posição do enunciador<sup>59</sup>" parece-nos definitiva. Ou seja, como usuários de uma língua, os falantes eagem, entre uma infinidade de opções, aquela que melhor se adapta às suas necessidades de comunicação.

Por fim, consideramos importante lembrar que o estudo feito especificamente em relação às orações adverbiais introduzidas pelo **quando** – palavra que para muitos refere-se unicamente a tempo - pode ser perfeitamente aplicado a conjunções mais comuns a outras áreas do significado.

---

<sup>59</sup>Cf. nota 38.

## Referências bibliográficas

- ALI, Said. **Gramática secundária da língua portuguesa**. 8. edição. São Paulo: Melhoramentos, 1969.
- AZEREDO, José Carlos de. **Iniciação à sintaxe do Português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- BECHARA, Evanildo. **Estudos sobre os meios de expressão do pensamento concessivo português**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1954
- . **Moderna Gramática Portuguesa**. 37<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BUTT, D. et alli. **Using functional grammar – an explorer’s guide**, Sydney: Macquarie University, 1996.
- CÂMARA JR, J. Mattoso. **A forma verbal portuguesa em –ria**. Washington: Georgetown University, 1967.
- . **Estrutura da língua portuguesa**. 3<sup>a</sup> edição Petrópolis : Vozes, 1972.
- CAMPOS, Maria Henriqueta Costa. **Tempo, Aspecto e Modalidade. Estudos de Lingüística Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 1997.
- . e XAVIER, Maria Francisca. **Sintaxe e Semântica do Português**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na Língua Portuguesa**. In: Revista ALFA da FFCLM, n<sup>o</sup> 12, São Paulo, 1967.
- COSERIU, Eugenio. **Gramática, Semântica, Universales – estudos de lingüística funcional**. Madrid: Editorial Gredos, 1978.
- GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002.
- LEÃO, Ângela V. **O período hipotético iniciado por se**. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 1961 (Tese de concurso para catedrático)
- MAIA, Loana Lagos. e BOMFIM, Eneida; **O verbo e o tempo nos mundos do discurso**. Dissertação de Mestrado – PUC-Rio, 1981.
- MATTAR, Kátia Chalita e BOMFIM, Eneida. **Os conectivos subordinativos temporais na determinação do aspecto verbal**. Dissertação de Mestrado; PUC-Rio, 1979.
- MATEUS, Maria Helena Mira et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A Gramática funcional**. São Paulo Martins Fontes, 1997.

———. **A Gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Unesp, 2002.

———. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: Unesp, 2000.

PONTES, Eunice. **Espaço e tempo na língua portuguesa**. Campinas, SP: Pontes, 1992.

———. **Estrutura do verbo no português coloquial**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

PINHEIRO, Maria Elizabeth de Sá Cunha.; BOMFIM, Eneida. **Períodos hipotéticos: uma análise pressupocisional**. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio, 1980.



## Anexo

**Relação de exemplos coletados para a pesquisa** (a numeração de 1 a 21 obedece à ordem de aparição no texto. As frases de 22 em diante também fizeram parte da análise, porém, não foram incorporadas ao texto final).

- 1- A avaria teria ocorrido **quando** o navio fazia manobras em Fort Lauderdale, na Florida, no dia 17 passado. (O Globo, 24-01-2006)
- 2- **Quando** parar de correr, quero ser um bom golfista. (Veja, 19-10-2005)
- 3- **Quando** íamos embarcar, fecharam a porta na nossa cara. (O Globo, 23-12-05)
- 4- **Quando** era adolescente, estudei português porque era fã de Roberto Carlos. (Veja, 12-04-2006)
- 5- Anna levou uma torta na cara **quando** chegava para um desfile. (Veja, 19-10-2005)
- 6- **Quando** o time estiver matematicamente livre do rebaixamento, eu falo sobre o contrato. (O Globo, 23-11-05)
- 7- **Quando** erro, fico doente, chato, mal-humorado (O Globo, 22-11-05)
- 8- O Poder Executivo deve reconhecer a competência da burocracia do Estado, mas não pode ceder à usurpação de prerrogativas. **Quando** cede, provoca desgraças. (O Globo, 08-02-2006)
- 9- **Quando** o nível da água atinge 60 centímetros, os carros podem ser arrastados. (O Globo, 25-10-2005)
- 10- **Quando** o metrô parava nas estações, avisávamos aos seguranças que o ar condicionado não estava funcionando e eles ficavam rindo. (O Globo, 05-05-2006)
- 11- Ontem, ao derrotar Kiefer, Roger Federer obteve sua sétima vitória em nove semifinais de Grand Slams. As duas que perdeu foram em 2005: para o russo Marat Safin, no Aberto da Austrália, e para o espanhol Rafael Nadal, em Roland Garros. **Quando** ganhou as seis semifinais anteriores, Federer acabou campeão. (O Globo, 28-01-2006)

- 12- Luizão promete mais gols **quando** estiver entrosado (O Globo, 21-02-2006)
- 13- Só vou falar **quando** e se o fato for consumado. (O Globo, 27-12-2005)
- 14- **Quando** o beijo acontecer, o Júnior estará nele por inteiro. (Veja, 26-10-2005)
- 15- É intolerável que servidores públicos causem transtornos à população – que lhes paga os salários – seja a que título for e por mais justas que possam ser suas reivindicações. Especialmente **quando** têm como função específica, e essencial, cuidar da segurança. (O Globo, 01-02-2006)
- 16- **Quando** se sabe que Leonardo da Vinci foi um gênio, Beethoven foi um gênio, Shakespeare também, então a idéia de que você possa ser um acaba parecendo tola. (O Globo, 29-01-2006)
- 17- **Quando** foram informados de que não havia cofre, os bandidos ficaram ainda mais nervosos. (O Globo, 02-11-2005)
- 18- **Quando** acertamos o saque, diminuindo a velocidade das chinesas, as coisas começaram a melhorar. (O Globo, 16-11-2005)
- 19- Na delegacia, **quando** o rapaz comentou que não ficaria preso por ser menor, Maria do Carmo saltou com uma faca na jugular dele e o matou, num só golpe. (O Globo, 12-02-2006)
- 20- A confusão começou **quando** um ladrão roubou um Astra nas esquinas das ruas Guilhermina Guinle e São Clemente, por volta de meio-dia. (O Globo, 25-11-05)
- 21- Ronaldo dá uma demonstração de despreparo, **quando** se iguala ao Romário na maneira de reagir às críticas, de forma destemperada, e de enorme falta de argumento. (Veja, 22-03-2006)
- 22- Técnicos só tiveram certeza da tempestade **quando** a chuva já caía. (O Globo, 25-10-05)
- 23- O governo da Lousiana pediu a autópsia dos 45 corpos encontrados no hospital **quando** o resgate chegou. (Veja, 19-10-05)
- 24- **Quando** soube que era um dos únicos nordestinos escalados, fiquei furioso, briguei com todo mundo. (Veja, 26-10-05)

- 25- **Quando** a gente se abraça é que sente o quanto somos próximos. (O Globo, 08-11-05)
- 26- O divórcio aconteceu **quando** o heptacampeão tinha 11 anos. (O Globo, 09-11-05)
- 27- Eles renderam a mulher do porteiro **quando** esta saía de casa, pouco antes das 6h. (O Globo, 09-11-05)
- 28- A burrice parece estar do lado dele **quando** perde a oportunidade de incentivar um pequeno grupo de homens que está disposto a dar a própria vida para defender a sociedade em que ele mesmo vive. (O Globo, 10-11-05)
- 29- **Quando** sai, está sempre com a ex-mulher e volta no máximo à 1h da manhã. (Veja, 13-11-05)
- 30- **Quando** o lar é invadido, a tensão comum na rua passa para o lar e a vítima não relaxa mais, vivendo em segurança o tempo todo. (O Globo, 13-11-05)
- 31- O barco estava no canal de Bertioga **quando** virou. (O Globo, 14-11-05)
- 32- Vítimas estavam em acostamento **quando** foram atropeladas por caminhão. (O Globo 14-11-05)
- 33- **Quando** me apresentei e não beijei o escudo, cheguei a ser criticado. (O Globo, 16-11-05)
- 34- **Quando** ele está com tanta vontade assim, é difícil deixá-lo de fora. (O Globo, 16-11-05)
- 35- **Quando** entenderam que era necessário reagir e mudar de atitude, a equipe subiu de produção (O Globo, 19-11-05)
- 36- **Quando** você perde é uma pressão danada. **Quando** você ganha é um enorme oba-oba. (O Globo, 23-11-05)
- 37- **Quando** eu falei sobre os documentos falsos, atingi as pessoas que vivem desse comércio (Veja, 28-11-05)
- 38- A cobertura foi invadida na manhã de anteontem **quando** o deputado estava na Assembléia Legislativa (O Globo, 17-11-05)
- 39- A artista plástica Ivone Florence Kanto foi ferida por uma bala perdida de fuzil **quando** via televisão em seu apartamento. (O Globo, 17-11-05)

- 40- **Quando** foi ao ataque, deu uma canelada na bola. (O Globo, 12-05-06)
- 41- **Quando** a gente ouve falar em Ucrânia, é normal se assustar. (O Globo, 25-12-05)
- 42- Não há carisma que se sustente **quando** a sociedade descobre que caiu num golpe de políticos espertalhões. (Veja, 21-12-2005)
- 43- Eles foram justos **quando** distribuíram e apoiaram alguns dos meus filmes. (O Globo, 29-01-2006)
- 44- O *Brasil 1* colidiu com uma baleia **quando** ia para a Europa (Veja, 02-02-2006)
- 45- Levei um susto **quando** fui informado que meu nome aparece 78.400 vezes. (O Globo, 08-02-2006)
- 46- Fiquei muito nervoso **quando** eles disseram que cortariam os dedos da menina para eu entregar ouro e dólar. (O Globo, 09-02-2006)
- 47- **Quando** você não consegue jogar, não adianta a explicação do médico. (O Globo, 09-02-2006)
- 48- Jorginho acredita que a equipe se abate **quando** leva gols (O Globo, 21-02-06)
- 49- **Quando** se procura o verdadeiro espírito do Carnaval, o que se acha é o triunfo do estoicismo. (Veja, 07-03-06)
- 50- **Quando** parei de tomar o remédio, engordei tudo de novo e entrei num círculo vicioso. (Veja, 07-03-06)
- 51- **Quando** não está pulando de um lado para o outro do palco ou conhecendo casas noturnas, Mick Jagger é um paizão. (Veja, 26-02-06)
- 52- Um dia após se colocar à disposição do partido – embora rejeitando a realização de prévias – o prefeito de São Paulo, José Serra, desistiu **quando** Alckmin o procurou para dizer que disputaria até a convenção. (O Globo, 07-03-06)
- 53- Tasso Jereissati, nos primeiros tempos, sustentou a candidatura de Geraldo Alckmin. **Quando** percebeu que ele não tinha muita possibilidade de ser eleito, debandou para o lado de José Serra. (Veja, 22-03-06)
- 54- O funcionário do Cais do Porto Luiz Carlos Rodrigues, de 55 anos, que havia descido de seu carro no vão central da Ponte Rio-Niterói, por

- estar passando mal, na noite de sábado, foi atirado ao mar **quando** o Kadett dirigido por Mário Gonçalves, de 35 anos, colidiu violentamente com a traseira de seu Meriva. (O Globo, 27-03-2006)
- 55- Até o muro que cerca o clube tem um sensor que dispara **quando** algum engraçadinho se arrisca a pulá-lo. (O Globo, 29-03-2006)
- 56- **Quando** descobriu que seu pai tinha câncer, Ruy deu as mãos ao Botafogo. Para permanecer ao lado da família, recusou uma proposta do futebol belga e pediu ao presidente Bebeto de Freitas para voltar ao clube. (O Globo, 29-03-2006)
- 57- Chinelo de dedo é o máximo que o compositor Jack Johnson usa nos pés **quando** está no palco. (O Globo, 07-04-2006)
- 58- O domínio feminino ficou claro **quando** o astro havaiano fez sua primeira aparição no palco, numa canja surpresa no show de abertura da banda ALO: o som que veio do palco foi abafado por gritos agudos. (O Globo, 10-04-2006)
- 59- Os motoristas abrem a porta, mas **quando** vêem que não tenho o RioCard me mandam descer e me chamam de safado na frente de todo mundo. (O Globo, 10-05-06)
- 60- Escrevo sobre o drama de falar **quando** melhor seria calar, de ficar quieto **quando** uma palavra teria sido a salvação, e a gente não sabia – mas devia ter sabido. (Veja 03-05-2006)

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)